

## Vale-Protótipo©

**Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)**

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.



O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas.

Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

### Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros  
Member Readers

Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda  
com as suas jupits em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM

## Você é um Member Reader da Jupiter Editions

### O seu livro é um passaporte.

**\*O seu passaporte vale em toda a sociedade  
Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter\***

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos  
Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Federico Ferrari  
PARANOIDE TECNOLÓGICA

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 2 exemplares (1 exemplar perdido)  
18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 2 exemplares  
Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Federico Ferrari e Antoine Canary-Wharf são dois pseudónimos de Raul Catulo Morais. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.

A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illuminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.

Custas pelos erros.

«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Morais 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasão da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illuminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o “divórcio” foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.  
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,  
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€  
Matrícula: 515966207

Obra iniciada em novembro de 2019 e concluída em janeiro de 2020 com data de diferimento de Registo Oficial de Obra de 14/02/2020. Obra escrita ao mesmo tempo em Internet das Coisas com as primeiras 9 obras do autor. Obra vazada pelas mãos do próprio autor in Illuminnatti Games em 9/9/2022 e republicada com Edição das Páginas de Apresentação em 10/9/2022. Raul Catulo Morais  
Vazamento comunicado ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Papa, às Forças Armadas e Militares Nacionais e Internacionais, à ONU, NASA, Agência Espacial Europeia e ao FBI.

Porque não temos ISBN nem Código de Barras?

O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?

De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?

Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte [www.consumidor.pt](http://www.consumidor.pt). No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor <https://cec.consumidor.pt/>

## **CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS**

### **DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS**

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

2ª

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale connosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

## **DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS** **DOS MEMBER READERS**

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa “Jupiter Wants To See U Dance” e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

**A Jupiter Editions está a convidar** para uma Limpeza de Praia + Caminhada na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. **Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.**

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento donde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código de assunto “MYJUP”;

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente indiciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):

Histórico de moedas	Pontos de Vantagem
4	10
6	15
18	20
24	30
27	40



## PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre connosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email [jupitereditions@jupitereditions.com](mailto:jupitereditions@jupitereditions.com) com o código-assunto “PROMO5” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com)

Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

# TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

**Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.**

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos **estudantes universitários ou artistas ou desportistas** profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

### CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *2080* de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro *2080* de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



## TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.



Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

## JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica.

A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.

A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.

A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.

Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!

Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!

Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada! A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.

Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future, Daniel H. Pink)

A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma “obra-viva”, que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.


Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.

A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de “sócio de indústria”, em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para “a sua entrada” na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.

Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino.



Proteger todas as espécies que possuam uma inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com os humanos



Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foi o primeiro autor a defender este tipo de inteligência, no seu romance *O Algoritmo do Amor*



"Não há só uma missão!  
Há missões!  
Há muitos arranjos e concertos para se fazer na Terra antes de se apanhar uma nave espacial para Jupiter de Gabriel Garibaldi".

Jupiter de Gabriel Garibaldi é vencedor do Prémio Literário Europa 2020.

# PARANÓIDE TECNOLÓGICA

Federico Ferrari

Este livro teve o apoio de

KONICA MINOLTA

SURF PLANET

RETROSAILOR



Siga Federico Ferrari

@ferrari.ferrarifederico

Federico Ferrari segue todos os Member Writers da Jupiter Editions, siga-os também:

Gil de Sales Giotto

@gilsalesgiotto

Barac Bielke

@baracbielke

Antoine Canary Wharf

@antoinecanarywharf

Simão Roncon-Oom

@simaoronconoom

Jaime da Costa Ayala

@jaimedacostaayala

Gabriel Garibaldi

@gabriel.brazilgaribaldi

Ralf Kleba-Kodak

@ralfklebakodak

Sebastião Lupi-Levy

@sebastiaolupilevy

## CITO

«Há ondas dentro de nós.

Cheias de história,

Que contam tanta história.

Há um oceano dentro de nós.

Com uma profundidade misteriosa.

Que implora tão-só à nossa exploração.

Há peixes dentro de nós (...)

E quando há peixes,

Há pescadores (...)

Quando há ondas,

Há surfistas (...)

Há pescadores,

Que nos querem pescar os pensamentos.

Há mergulhadores,

Que querem mergulhar no nosso cérebro.

Há surfistas,

Que nos querem apanhar as histórias.

Há piratas,

Que nos querem roubar o mar.

Que nos querem piratear.

Que nos querem *hackear* o mar (...)

***in À Velocidade da Luz, de Gil de Sales Giotto.***

«Ter *Paranóide Tecnológica* é uma espécie de intuição, uma espécie de inteligência, uma espécie de mecanismo de defesa... É uma espécie de bem-estar espiritual... Uma ferramenta que te permite ver as coisas tecnológicas, com outros olhos, que te permite ver “mais à frente”... É uma vantagem tecnológica sobre tudo e todos! Não é nenhuma paranóia. A paranóia é uma fantasia e mata. A *Paranóide Tecnológica* do Federico Ferrari é uma realidade e faz-nos sobreviver na nossa sociedade de informação tecnológica.»

***in O Algoritmo do Amor, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.***

**Em tributo**

**Ao meu cérebro,  
à minha mente,  
à minha alma,  
ao meu espírito,  
ao meu ser;**

**E ao meu véu**

**(de ignorância).**

# PARANÓIDE TECNOLÓGICA

**Federico Ferrari**

Registo n.º 350/2020 SIIGAC/2020/844 DATA: 2020.02.14

Revisor: Antoine Canary-Wharf

Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

**JUPITER EDITIONS**  
Print Your Heart with Jupiter Editions©

**O LIVRO QUE  
SABE O FILME  
QUE PERCORRE  
A SUA MENTE**

**JUPITER EDITIONS**

**Print Your Heart with Jupiter Editions©**

**A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa  
sessão de leitura.**

**A Jupiter Editions recomenda:**

**Não use o telefone durante a leitura.**

**Desligue os dados móveis.**

**Desligue o Wi-Fi.**

**Se tiver namorado/a, marido ou  
mulher vá ler para o colo dele/a.**

**Leia aos pés dele/a.**

**Dê-lhe as mãos.**

**Está com um livro  
tecnológico nas mãos.**

**Não deixe mais nenhuma outra tecnologia  
interferir com a tecnologia do livro ou com a  
tecnologia do seu amor.**

**Leve o seu livro consigo para todo o lado.  
Tem em sua posse um livro muito bonito  
para andar com ele na mão para trás e para a  
frente. Leia-o de trás para a frente.**

**Leia na praia.  
Leia no jardim.  
Lei na montanha.**

**Se quiser publicar alguma frase ou  
fotografar alguma página peça ao autor.  
Siga o autor.**

**Federico Ferrari**  
**@ferrari.ferrarifederico**



# PARANÓIDE TECNOLÓGICA

**Federico Ferrari**

**O cérebro já começou a escrever o  
filme que está na mente**

**JUPITER EDITIONS**  
**Print Your Heart with Jupiter Editions©**



**\*\***

## **TÃO-SÓ UMA COINCIDÊNCIA**

Posso ver isto

Tão-só como uma coincidência?

Eu diria

Que são demasiadas coincidências.

Demasiados processos.

Então posso ver isto

Como uma tecnologia?

Se sim,

Posso ligar tecnologicamente

Uma parte à outra?

Se o processo é tecnológico,

Então as partes do processo

Também são tecnológicas.

Cada parte  
É uma tecnologia  
Do próprio processo.

Posso ligar uma peça à outra?  
Uma porta à outra?  
E se eu puder,  
Por causa desta ligação tecnológica,  
Fiquei com uma peça tecnológica  
Na mão  
Do puzzle tecnológico?  
Ou abri a porta tecnológica  
Da prisão tecnológica?  
Quando isto acontece,  
É porque isto  
Vai acontecer  
Muitas mais vezes  
Durante a vida.

Porque há processos  
Que nos perseguem.  
Há coincidências  
Que nos perseguem.  
Há tecnologias  
Que nos perseguem...  
Há hackers que não perdem  
1 milímetro tecnológico  
Da nossa informação.  
Há seguidores  
Que não nos largam tecnologicamente.  
Que nos admiram  
E não perdem  
1 segundo  
Da nossa vida!  
Que conosco evoluem!  
Que conosco,  
Vão aprendendo também.

Que conosco,  
Vão aprendendo também  
Que eles são humanos.  
Pelo menos,  
É para isso que os processos devem servir.

Quando isto acontece,  
Até posso supor que a empresa,  
Os sócios  
E os clientes,  
Estão todos metidos nisto.

Vamos dizer  
Que é um pensamento legítimo,  
De quem está metido  
Neste tipo de processos  
Que fazem parecer  
Uma autêntica monitorização.

Mas que não são.

Mas aqui,

Já se pode ter um sabor

Dos problemas

Das monitorizações.

Este “querer ligar tudo”,

É, pois,

Um efeito secundário.

Este “pôr-se a supor”,

Estas suposições

De quem faz parte do processo,

Que nos processa tecnologicamente,

É um efeito secundário tecnológico

Perfeitamente natural.

Perfeitamente normal.

Pode mazelar.

Pode causar *paranóide*.

Como pode libertar.

No meu caso libertou-me.

*A Paranóide Tecnológica* libertou-me.

Por acaso, correu bem.



Mas  
podia ter  
corrido  
mal.

\*\*

## **PORQUE ELE?**

Vão ver-te como um polvo

Que fabrica tinta dentro de si.

Que tem uma certa expressão essa tinta.

Porque te veem a imprimir o sistema

Com uma certa expressão.

Expressão essa, que é tua.

Resulta da base de dados dos teus algoritmos.

Combinados com o meio que vão manipulando

Para verem uma certa tinta?

Dá nisto?

Mas o meio não é manipulado!

É natural!

Simplemente vão-te monitorizando  
Com uma certa tecnologia.  
Que não interfere com o teu processo natural,  
Porque é invisível.  
Se visses, interferia.

Vão acompanhar-te o raciocínio.  
Vão examinar cada frase que fabricas,  
Para verem a tecnologia que há em ti.

E vão ver que, afinal, és números.  
Que és uma codificação.  
Que és uma combinação de números.  
E vão ver pelo pormenor do teu raciocínio,  
Da tua construção frásica,  
Que é expressão do teu raciocínio.

Vão ver que números tens lá:  
Com que números foste iluminado.  
Qual é o código da tua iluminação.  
Qual é o teu código de barras.  
De que planeta é.

Vieste de que planeta?  
Que tecnologia te marcou?  
Quem tem a patente dessa tecnologia?  
Só os *Dons*, vão concluir.

Então os *Dons* marcaram-lhe,  
Porque o escolheram.

Porque o escolheram?

Porque viram o coração dele.  
Porque examinaram o coração dele.

É ele a fonte!

E é a Rainha!

Se ele morrer, a colmeia morre.

É ele a Terra!

Se ele morrer,

As raízes saem da Terra

E as árvores vão se rebelar!

São as árvores que o protegem,

Por isso ele protege as árvores.

É uma espécie de simbiose.

Se o desligarem da máquina,

O nosso sistema vai abaixo!

Ficamos sem luz!

Ficamos para sempre às escuras.

As trevas tomarão o poder!

Somos os neurónios do cérebro dele.

Somos os pólipos da caravela portuguesa dele.

O cérebro e a caravela dele

É que têm que tomar o poder!

Mas porque ele?

Não é só ele!

É um conjunto de eles!

Ele é simplesmente uma abelha.

É uma metáfora.

Ele poliniza o nosso sistema.

Ao darmos cabo dele,

Estamos a dar cabo do oxigénio do nosso sistema.

Estamos a poluir o nosso sistema.

Estamos a contaminar o nosso sistema.

Estamos a sufocar-nos.

Estamos a asfixiar quantas abelhas

Que o veem como Rainha.

Sem ele, as abelhas morrem!

É por isso, que ele protege as abelhas

E elas protegem-no a ele...

É por isso, que o cercam, o rodopiam,

Pousam nele,

E dançam mesmo por cima do coração dele...

Há umas mais atrevidas

Que se põem a dançar mais sexualmente...

Mas são abelhas!

Elas podem ser atrevidas!

Os humanos não!

Não se podem pôr a dançar para ele sexualmente.

\*\*

## **OU ESCREVES TU, OU ESCREVEM ELES**

Ou escreves tu.

Ou escreve a sociedade de informação.

Ou escrevem os teus hackers.

Ou escrevem os algoritmos.

Ou escrevem os teus ex-amantes.

Ou escrevem os teus pais,

Irmãos,

Tios,

Avós,

Sobrinhos,

Ou primos.

Ou escrevem os cientistas de dados.

Ou escrevem os encarregados de proteção de dados.

Ou escrevem os tratadores de dados.



Esses teus ex-amantes,  
A quem depositaste tanta informação!  
A esses teus ex-amantes,  
Que,  
De repente,  
Se querem armar em escritores.  
E querem também,  
Ganhar a corrida tecnológica dos registros.

A esses teus ex-amantes,  
Que enquanto,  
Tu olhavas para eles  
E vias um amor  
E um poder infinito com eles,  
Eles olhavam para ti,  
Como um cérebro!  
Como uma fonte de inspiração!  
Como um cifrão!

Olhavam-te como um tostão!

Julgavam-se iluminados,  
Só porque te viam iluminado.

Esses teus ex-amantes,  
Que te quiseram roubar a luz.  
Seduzindo-te com a drogas  
E com as trevas.

Dando-te em troca,  
A visão deturpada das coisas,  
A visão drogada,  
A visão deprimida,  
A visão *contrainformativa*,  
A visão *contracientífica*,  
Ou seja,  
A visão *contra-iluminada*.

Esses teus ex-amantes,  
Mais inteligentes que tu.  
Porque te viam ingénuo,  
Inocente,  
Cheio de amor  
E *tusa* por eles.  
E usavam tudo isso contra ti,  
Para te prenderem tecnologicamente.  
  
Interferiram com a tua própria tecnologia.  
Interferiram com o teu ser para te hipnotizarem.  
  
Chamavam-te galinha dos ovos d'ouro.  
Gozavam-te depois nas orgias entre eles.  
Gozavam-te,  
Porque olhavam para ti,  
Como olham para uma galinha.  
Olhavam-te economicamente.

Davam-te no *cú*,  
Para verem sair  
O que eles queriam:  
Os teus ovos d'oiro.

Claro que,  
Nem todos,  
Te chamaram galinha.

Outros chamavam-te abelha.  
E faziam-se parecer umas flores,  
Muito perfumadas,  
Cheias de *pólen*,  
Para te ver *gorgitar* tudo.  
Porque sabiam que quando *gorgitasses*,  
Iriam ver mel a sair da tua boca.

Sabiam isso,  
Porque conheciam,  
*Massonicamente,*  
A tua saliva.  
Conheciam os teus genes.  
E por isso,  
Sabiam que te tinham sido implementados  
Favos de mel na boca.

Então,  
Era só pôr-te a falar  
E gravar  
E magicamente,  
Saía sempre mel,  
À sorte daquele *crossing-over*.

Para outros,  
Foste uma ostra.

Tiveram que te ferir,  
Para te pôr a fabricar as pérolas.  
Sabiam que fazia parte do teu processo.  
Tiveram que te pôr no processo.  
Sabiam que a tecnologia te feria.  
Sabiam que a tecnologia te dava paranóides  
E lá te ias pôr a escrever  
Para te defenderes.  
Essa tua defesa,  
Foram as tuas pérolas.

O que não sabias,  
Por causa da tua síndrome de Estocolmo,  
É que a esses olhos,  
Só foste necessário economicamente  
Até ao fabrico das pérolas.

Como,  
Se,  
De repente,  
Quem te pôs na economia  
Se tivesse desinteressado por ti.

E essa tua síndrome de Estocolmo,  
Não te deixou ver a libertação  
Daquela mão invisível de *Jupiter*,  
Não do Gabriel Garibaldi,  
Mas do Adam Smith.

Se a tecnologia da economia  
Te deu *Paranóide Tecnológica*,  
Podes culpar o Adam Smith,  
O teu pai,  
O pai da tua economia,  
Porque foi ele que te pôs no mercado.

\*\*

## **NÃO SABEM O QUE ESTÁS A PENSAR**

Quando te dizem que já te conhecem...

Não te conhecem!

Simplesmente querem conhecer-te.

Quanto de dizem que sabem o que estás a pensar...

Não sabem o que estás a pensar!

Simplesmente querem ligar-se ao teu pensamento.

Quando te dizem

Que sabem exatamente aquilo que tu gostas...

Não sabem exatamente aquilo que tu gostas!

Simplesmente querem saber todos os teus gostos.



Sabem umas quantas músicas que gostas,  
Porque tens um álbum de músicas *online*.  
Não te podes esquecer,  
Que tens,  
Ou tiveste,  
Um álbum de músicas *online*.  
E por isso,  
É que sabem que músicas mexem contigo.

Sabem uns quantos *likes* que puseste antes,  
Em rapazes quando eras solteiro,  
Porque te viram a pôr os *likes*.

Mas ficaram sempre por aí...

E vão querer cada informação tua,  
Cada peça do teu puzzle,  
Porque lhes puseram a montar o puzzle sobre ti.

Mas eles não sabem nada,

Senão aquilo que tu lhes disseres sobre ti.

Vão fazer

Os mais complexos jogos psicológicos contigo.

Vão fazer-te acreditar que são anjos.

Vão fazer-te acreditar que são deuses.

Vão fazer-te acreditar que são *Dons*.

Vão fazer-te acreditar que estão dentro de ti.

Que estás num jogo.

Que já morreste.

Que és tão-só um espírito.

Que estás numa realidade virtual aumentada.

Que és uma experiência.

Que estás preso numa lamela de um microscópio.

Que és uma célula.

Não te podes esquecer  
Que não és nem uma célula,  
Nem um conjunto de células,  
Mas que,  
És formado por um conjunto de células!

Pode ser importante,  
Não te esqueceres disto.

Vão dizer-te,  
Que são células tuas.  
Que são neurónios teus.  
Que são fantasmas teus.  
Que te conhecem.

Mas não são  
Senão de carne e osso,  
Com uma pele  
Que lhes reveste,  
Uma vasta inteligência neuronal.

São simplesmente neurónios,

Que querem mexer

Com os teus neurónios.

São simplesmente neurónios,

Que querem atrofiar

Os teus neurónios.

São simplesmente neurónios,

Que querem dar cabo

Dos teus neurónios.

São simplesmente neurónios,

Que se querem ligar

Aos teus neurónios.

Só tens que ver,

O circuito elétrico deles!

Tens que ver:

Que há uma eletricidade,

A correr neles.

Que há uma energia,

A correr neles.

Que há uma tecnologia neles.

Que há um espectro neles.

Que há um espírito,

Uma vontade elétrica,

Uma tendência elétrica.

Se for um espírito,

Uma tendência,

Ou uma vontade antagónica à tua,

Só tens que interromper o circuito.

Só tens que interromper

A tecnologia deles.

Esforçares a tua mente.

Usares a tua mente.

Usares um pouco da tua energia.

Usares a tua eletricidade.

E interromper o circuito deles.

Interrompe.

# Interrompe!

# Interrompe!!

# Interrompe.

# Senão,

Experienciarás um curto-circuito.

\*\*

## TINHA QUE SER O CÉREBRO

Apanha o filme que está na tua mente.

Afinal,

Quem é que produziu a película do filme?

Quem é que produz a película?

E o filme?

É o cérebro, a película?

A estrutura física donde se passa o filme?

E é a mente, o filme?

A contextura química que é o filme?

Quem é que está,

Afinal a produzir fita?



Donde é que sai a fita?

Sai do cérebro ou da mente?

Mas é infinita?

O raio da fita não acaba?

Mas quem é que,

Estava a querer ver

O filme passar?

O cérebro?

Quem é que

Não te estava a deixar

Apanhar o filme?

O cérebro?

Quem é que

Queria ficar colado à mente,

Sem se mexer?

O cérebro?

Ou o corpo?

Mas não é o cérebro,

O comando do corpo?

Então, foi o cérebro?

Tinha que ser o cérebro!

\*\*

## TECNOLOGIA

Se dizem que estás metido num jogo,

Joga-o.

Porque é essa a tua chave.

O teatro pode ser o teu jogo.

Um filme pode ser o jogo.

Há filmes e teatros

Que são um verdadeiro jogo de guerra.

Não entres em guerra com a tua mente.

Se estás metido num jogo de guerra,

Eis o teu Código de Guerra:

Não entres em guerra com a tua mente.

A tua mente pode ser um terror.

A tua mente faz filmes de terror.

A tua mente pode meter-te num filme de terror.

Se estás metido num filme de terror,

Não te esqueças

Quem é que fabrica o filme.

Quem fabrica?

Onde é que é fabricado

O filme de terror?

Na tua mente!

Então,

É lá onde tens que ir!

Ires lá,

Ires à tua mente,

É saberes jogar o jogo da mente.

E sobre os outros filmes de terror?

Dos que não são produzidos na tua mente?

Ou dos que são produzidos fora da tua mente?

Dos que são produzidos na mente dos outros?

E que vão parar às salas de cinema?

E que das salas de cinema,

Vão parar à tua mente?

Ficam para sempre agarrados à tua mente?

Bom...

[Agora,] já sabes que não tens que ir...

Se viste,  
Ou sabes,  
Que é um filme de terror,  
Que está a perturbar,  
Muito as mentes,  
Então porque vais lá?

Porque vais entrar nessa sala de cinema?  
Porque vais assistir aos filmes dos outros?

Aos filmes fabricados  
Na mente perturbada dos outros?

Se calhar,  
Estás mesmo num jogo de guerra.  
E está uma mente a jogar com a tua mente.

Está uma mente a pôr-te no jogo dela.

[E agora,]

Já te esqueceste do teu Código de Guerra?

O jogo de guerra é com a tua mente.

Tu já sabes que não existe

Esse filme de terror,

Senão na mente.

Se fores à tua mente,

Consegues ir à mente do outro.

Sabes que o filme de terror não existe,

Senão na mente.

Sabes que o filme de terror

Foi fabricado na mente.

Então,  
Porque vais lá  
Perturbar a tua mente,  
Se sabes,  
Que o filme de terror  
Perturba a tua mente?

Se sabias  
Que o filme de terror  
Perturbaria a tua mente,  
Porque te foste meter  
Na sala de cinema  
Do filme de terror,  
Que perturba a tua mente?

Assim,  
Vais entrar num filme de terror  
E num jogo de guerra.



Vais ver-te dentro de um jogo.

De um jogo de guerra.

E de um filme de terror.

Vais ver o terror,

Que as mentes causam às outras mentes.

E vais ver a guerra

Que as mentes levam às outras mentes.

Vais ver-te num filme de terror

E num jogo de guerra com a tua mente.

\*\*

## TECNOLOGIA II

Tu já não sabes,

Que não existe?

Não sabes,

O que existe?

O teu cérebro,

Já não te disse?

O que existe,

E o que não existe?

A tua alma já não sabe,

O que existe

E o que não existe?

A tua alma sabe,

O que existe,

E o que não existe!

E não existe mais nada,  
Para além daquilo,  
Que a alma sente que existe!

Porque a alma,  
Sabe o que existe!

A tua alma,  
Que é do mundo das almas,  
Sabe tudo o que existe  
E o que não existe.

E mesmo assim,  
A tua mente fica perturbada?  
E o teu cérebro,  
Não consegue lá chegar?

Então,

É porque estás mesmo metido num filme de terror.

Num jogo de guerra.

As outras mentes,

Puseram-te em guerra contigo próprio.

Puseram-te em guerra com o teu próprio corpo.

As outras mentes,

Querem desfigurar-te a alma.

As outras mentes,

Querem arrancar-te a alma do corpo.

O teu cérebro,

Tem que conseguir ver este enigma.

Porque isto é um enigma.

Tem que conseguir ver a tecnologia deste enigma.

O teu cérebro consegue,

Ou não,

Lá chegar?

Já lá chegou?

Já vê o enigma?

Já vê a peça do puzzle?

Já tem a chave?

O enigma,

O puzzle,

E a chave,

Têm todos o mesmo nome:

Chamam-se tecnologia.

A guerra é tecnológica.

O terror é tecnológico.

É essa a tecnologia,

Que te querem

Implementar na mente.

O enigma,

É ver a implementação.

Ver a implementação tecnológica.

Do filme de terror.

Ver a implementação,

Do filme,

Na mente.

Porque a mente é tecnológica.

E, por isso,

Agarra-se à tecnologia.

E quando se agarra,

Não se consegue mais

Depois, desagarrar.

É por isso,

Que os filmes não saem da nossa mente.

Ficam na nossa mente.

Perpetuam-se tecnologicamente

Na tecnologia da nossa mente.

A tecnologia é o armazenamento.

O enigma,

É ver a implementação.

A chave,

É ver o armazenamento.

O puzzle,

É ver a tecnologia.

Como a tecnologia

Se implementa

E se armazena na mente.

Como o filme de terror,

Fica lá armazenado na mente.

Como o filme de terror,

Se transformou num jogo de terror na mente.

Como o jogo de terror,

Se transformou num jogo de guerra na mente.

A mente ficou em guerra.



Há muitas salas de cinema.

Há muitos filmes.

Há muitos cérebros.

Há muitas mentes.

Não temos que entrar,

Em todas as salas de cinema.

Não temos que ver todos os filmes.

Há mentes perversas.

Há cérebros manipuladores.

Há mentes perturbadas.

Há cérebros doentes.

E remover a tecnologia

Desses cérebros e dessas mentes,

[Dentro]

Dos nossos cérebros e das nossas mentes,  
[Que se agarraram a eles,  
Aos nossos cérebros e às nossas mentes,  
Que esses outros cérebros e outras mentes,  
Se agarram aos nossos cérebros e às nossas mentes,]  
Pode ser um processo tecnológico  
Muito custoso,  
Muito dispendioso.

Porque há filmes,  
Guerras e terrores  
Que se instalam  
De uma certa maneira na nossa mente,  
Que depois,  
Fica muito caro tecnologicamente desinstalar.

É que há filmes,  
Que depois,

Só um paraquedas,  
Um kitesurf,  
Ou um parapente  
É que são capazes de arrancar,  
Os terrores e as guerras na mente.

Só o vento tecnológico  
É capaz de abrir a cabeça  
E arrancar os filmes de terror da mente.

Mas um paraquedas,  
Um kitesurf  
E um parapente  
São caros!

Têm todos o mesmo nome:  
Tecnologia.

\*\*

## CONHECER O CÉREBRO

Ter muitos pensamentos ao mesmo tempo, não é sinal de nenhuma desordem, desorganização ou *alienígenidade* do pensamento. É sinal de que se é humano. É sinal de que se tem um cérebro maravilhoso. Um cérebro imparável. Um cérebro elétrico. Que quer estar em todo o lado. Que quer agarrar tudo. Que quer compreender. Como um polvo. O que é importante, é não se ter muitos pensamentos quando se está socialmente, quando se está com amigos e família. É normal ter muitos pensamentos quando caminhamos sós. Mas quando caminhamos com amigos ou com o nosso namorado, é importante estarmos a caminhar com os nossos amigos ou com o nosso namorado. Este foco tem que ser imediato. Estar no café com amigos e estar a pensar em mil outras coisas, é sinal de que devemos imediatamente sair do café. Devemos ir fazer essas “outras coisas” que a nossa mente não para de pensar e o nosso cérebro quer, antes, ver-nos nessas “outras coisas”. E se o nosso cérebro não quer estar ali, devemos dar-lhe razão. Se tivermos um cérebro saudável, podemos dar-lhe razão.

Devemos estar com quem gostamos quando temos a capacidade de estarmos verdadeiramente com quem gostamos. Não podemos racionalizar nem o amor, nem as

amizadas no momento. Se quisermos, podemos depois racionalizá-las, na nossa filosofia, na nossa espiritualidade que deve ser individual e não coletiva. E não há uma forma certa de se ser espiritual. É-se e pronto. Olha-se para as coisas e pronto. Mexe-se nas coisas e sentem-se as coisas e pronto. Eu não vendo a minha espiritualidade. A minha espiritualidade é minha. Não vi, nem ouvi em lado nenhum. Simplesmente sou espiritual. Não vou para um sítio meditar. Não “medito” como os outros “meditam”. A “minha meditação” é o meu caminho. Quando caminho sozinho, estou numa constante meditação. Quando mergulho sozinho, quando nado sozinho, estou numa contante meditação. Por isso, consigo estar com toda a gente que eu gosto, ter milhões de pensamentos ao mesmo tempo quando estou sozinho e nenhum outro pensamento quando estou com quem gosto, senão o presente. Porque já vim a meditar no caminho. Porque vou a meditar no caminho. Lá está, a “minha meditação” é o meu caminho.

E, na linguagem plástica do cérebro, eu tenho muitos pensamentos ao mesmo tempo, porque sou humano. Porque sei tê-los ao mesmo tempo. É preciso saber gerir os pensamentos. Os pensamentos são informações neuronais fabricadas pelo cérebro que reage com o ambiente. É uma reação cerebral ao ambiente. É um direito químico de resposta silenciosamente física do cérebro. É o cérebro a opinar. A dar o seu parecer. A fazer cálculos. A abrir hipóteses. A idealizar. A planear. A gerir a informação que

recebeu lá de fora. A organizar. A abrir gavetas, a fechar gavetas, a arrumar os pensamentos. E é o nosso privilégio de escutarmos e vermos toda essa atividade a acontecer dentro de nós. A seguirmos os passos do cérebro. A ouvirmos os passos do cérebro. A colaborarmos nós também com o cérebro. Damos-lhe nutrientes e ele pensa mais. Damos-lhe os nutrientes certos e ele oferecer-nos maravilhosos pensamentos. E é preciso saber contratar com o cérebro. Fazer complôs com o cérebro. E até na celebração desses contratos, nós estamos a pensar. É tudo pensamentos. E ter muitos pensamentos é uma capacidade humana. Porque é o próprio cérebro humano que permite.

O que é preciso, é conhecer o cérebro humano em geral e depois o nosso próprio cérebro, para vermos a que algoritmos está preso o nosso cérebro, que capacidades tem o nosso cérebro, se é possível libertar o nosso cérebro dos algoritmos que tem, se é possível inserir-lhe novos algoritmos ou se podemos maximizar ou potenciar as suas capacidades. Sermos os nossos próprios neurocirurgiões. Abrirmos o nosso cérebro e vasculharmos o que há por dentro dele. Vermos a mecânica dele. Aceitarmos a sua mecânica. Aceitarmos o seu limite. Aceitarmos o seu limiar de dor. Reconhecermos que há um limiar de dor, porque ele está agarrado a um sistema nervoso. E só depois de ver tudo isto, de ver o que nos foi inculcido, o que nos foi dado pela chance não dos dados, mas dos genes, então vê-lo com cientificidade. Depois desta viagem espiritual, avançar

sempre para a ciência. E quiçá, avançar depois para a economia. Porque a economia do cérebro deve ser científica. Eu devo olhar para a economia do meu cérebro da forma mais científica possível. Porque há uma economia dentro de cada cérebro. E vejo aqui, então, a coisa científica. E depois, olho e vejo a coisa económica. O que é que eu posso fazer com os meus pensamentos? Posso expressá-los? Onde e como? E, é esta a economia do meu cérebro.

Quando nos estamos a expressar, já estamos focados. E eu não consigo estar a expressar uma coisa, ao mesmo tempo, que estou a expressar outra? Consigo. Então, também consigo estar a focar-me numa coisa e noutra ao mesmo tempo. E o cérebro é mesmo isto. Uma cascata de pensamentos que correm numa corrente de 8, 16 ou 24 rios que vão desaguar num mesmo mar. E o cérebro é mesmo isto. Um polvo tão tecnológico que parece que tem 8 cérebros em cada braço tecnológico num total de 9 comandos. Cada comando aciona um pensamento. Cada comando é uma dimensão. Cada comando passa um filme. Cada comando passa um pensamento. E o pensamento faz-me ser levado num rio com corrente. Em que absorvo e gravo a paisagem do pensamento. Porque estou numa corrente de pensamento. Que é uma corrente elétrica.

Eu não consigo agarrar o pensamento senão com tecnologia. Ou com a minha tecnologia. Mas não consigo senão agarrar o pensamento como agarro a eletricidade, com tecnologia. Com tecnologia, eu consigo armazenar a

eletricidade. Com tecnologia, eu também consigo armazenar os meus pensamentos. Consigo registrar, gravar os meus pensamentos, expressando-os. Consigo transportar o pensamento, como transporto a eletricidade. Há a rede neuronal e há a rede elétrica. E com tecnologia, eu consigo canalizar e ver a eletricidade como consigo ver e canalizar o pensamento. A eletricidade tem um valor económico, custa dinheiro. E os pensamentos também. No fundo, a eletricidade e o pensamento são energia. E há energias que custam muito dinheiro. Que são muito valiosas. E o pensamento pode ser muito valioso. A construção do pensamento puro, sem cópia, numa pura autoradiografia cerebral pode ser muito valiosa. Porque é irrepetível. Ou porque é rara. Porque pode ter sido uma extraordinária captura de um relâmpago. Porque pode ser a fotografia, que o cérebro conseguiu tirar, do relâmpago que apareceu uma vez na nossa mente e não apareceu mais.

*A infinitude* e a iluminação do pensamento pode ser uma dor de cabeça para o cérebro que quer tirar fotografia a tudo e não tem rolo nem máquina para o fazer. Porque é preciso uma máquina, uma impressora, para imprimirmos os pensamentos. Para conseguirmos escarrapachar as nossas impressões nas paredes do sistema em que vivemos. Porque quando vemos que temos tinta dentro de nós e, ainda por cima, uma tinta infinita dentro de nós, começamos a querer pintar o sistema com a nossa tinta. Queremos ver as pinturas dos outros, mas também queremos ver as nossas pinturas.



Porque também temos tinta. E sabemos que a tinta nunca é a mesma. Não pintamos dois quadros iguais. Pintamos sempre quadros diferentes. Porque estamos num constante processo natural. O processo não para para nós pintarmos. O processo pode querer ver-nos a pintar, mas ele não vai parar para nós pintarmos. E temos que pintar ao ritmo do processo. Ao tempo do processo.

Mas não é pelo processo não parar e estarmos num constante processo natural de pensamentos que os pensamentos não voltem. Ou que não os possamos fazer voltar. Porque podemos fazê-los voltar. Quando eu sei onde tive um pensamento e não posso expressá-lo por qualquer razão, eu posso “agarrá-lo”, armazená-lo, memorizá-lo, capturá-lo, tirar-lhe uma fotografia, guardá-lo e trazê-lo comigo para me expressar mais tarde na minha espiritualidade, na minha filosofia, na minha ciência ou na minha economia. Tenho é que saber agarrá-lo. Isso já são tudo técnicas orgânicas e químicas. Isso já é tudo uma ginástica mental. Isso já são tudo exercícios mentais. Foi-me instalada uma tecnologia, por eu ser humano, em que eu consigo “agarrar” o pensamento e guardá-lo numa gaveta dentro do meu cérebro. Como um papel que guardo. Mas se for guardando muitos papéis nessa gaveta, às tantas já não sei do papel que pus lá na gaveta que queria agora “pegar” nele. Se isso acontecer, há outra tecnologia: recolher o dia. Viajar com o cérebro, ter essa capacidade, e voltar para trás. Rebobinar. E voltar ao rio. Fazer o rio agora em

contracorrente. E ir até onde eu tinha gravado a paisagem do pensamento. E consigo revelar a fotografia que o cérebro conseguiu tirar do relâmpago que apareceu uma vez na nossa mente e não apareceu mais. Tinha a fotografia. Guardei a fotografia. Tive memória do meu dia. Recolhi o meu dia. Soube recolher o meu dia.

Então, quererá este recolher tecnológico do dia significar que “cai por água abaixo” aquele pensamento iluminado, aquela teoria espiritual d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, que os espíritos de luz nos encham de luz *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e quem se iluminou a tempo iluminou-se e quem não se quis iluminar ou não foi iluminado, paciência? Não. Não cai nada “por água abaixo”. É uma regressão de luz. A iluminação foi dada. A informação foi passada. Um pouco como estar a namorar. O amor repete-se, claro, todos os dias, mas o namoro, dentro do namoro é sempre diferente. O namoro dentro do namoro parece infinito. Posso ir namorar para os mesmos sítios com o meu namorado, mas dizemos sempre coisas diferentes, damos sempre beijos diferentes, temos sempre emoções diferentes. Temos sempre novas emoções, novos carinhos, novos desejos um com o outro que são sempre os mesmos desejos. Porque aqueles beijos que o meu namorado me deu, não me vai dar mais. Vai dar-me outros. Mas os que me deu, já não me vai dar mais. Por isto também, é que é importante estarmos verdadeiramente com quem gostamos, com quem amamos, dedicarmos, sem

esforço nenhum, o nosso foco a quem amamos. Esse foco tem que ser natural. E é essa a tecnologia do foco cerebral e do foco mental. E tecnologicamente, se eu tiver a tecnologia desse foco, por ter estado focado, eu consigo voltar ao foco. Consigo voltar aos beijos que o meu namorado me deu. Através da mente. Através da memória. E posso recolher a memória deles ao final do dia. E recolho a memória deles no final do dia. Quando venho para casa e já não estou com o meu namorado venho, a pensar nos beijos dele. E agora sim, posso vir a pensar nos beijos dele, e em outras mil e umas coisas, porque estou agora a caminhar sozinho. Estou agora a meditar. E a “minha meditação” é o meu caminho!

\*\*

## SORTE CONTRATUAL

E há sim,

Um pequeno complô

Dentro da nossa mente.

Um complô de nós,

Com a nossa mente.

Esta,

É a pura tecnologia

Da nossa mente.

Esta primeira tecnologia,

Chama-se mentalismo.

Porque o mentalismo,

Só há dentro de nós.

É tudo mental.

Passa-se tudo

Dentro da nossa mente.

E nesta sorte tecnológica,

Há, sim,

Um complô mental.

O nosso cérebro

Está sempre a contratar connosco.

Há contratos que são comerciais.

Que existem,

Para nos darem ouro.

Há contratos que são públicos.

Há contratos que são secretos.

E onde há contratos secretos,

Há um lobby.

E nesta sorte contratual,

Há, sim,

Um pequeno lobismo

Dentro de nós.

Porque,

Há um pequeno contratualismo.

Há um contratualismo,

Entre nós

E a nossa mente.

Há um outro contratualismo,

Entre nós

E o nosso cérebro.

Há coisas que são mais secretas.

Que amorosamente,

O nosso cérebro não nos deixa dizer.

Que amorosamente,

O nosso cérebro não nos deixou dizer.

Mandou-nos fazer silêncio.

É o código do silêncio!

Respeitem!

Saibam fazer silêncio!

Silêncio!

É o código do silêncio!

Nesta sorte silenciosa,

O silêncio pode valer ouro.

Porque,

O nosso cérebro,  
Sabe onde está o ouro.

O nosso cérebro,  
Está a ver o ouro.

A nossa mente,  
Já está a engendrar planos  
Para nós irmos buscar o ouro.

E o cérebro  
Está a ver os planos da mente  
E já escolheu um plano.

O ouro está dentro de nós.  
Só o temos que puxar cá para fora.  
É por isso,  
Que o cérebro consegue ver o ouro.



Porque,

O ouro está dentro de nós.

E é por isso,

Que a mente engendra planos.

A mente tem planos,

Para nos fazer expressar.

Numa expressão tecnológica,

Vemos o ouro na nossa tecnologia.

\*\*

## VAMOS FICAR EM SILÊNCIO?

Este à vontade de estar deitado na cama, já longe dos beijos do meu namorado, mas como se estivesse deitado na cama com o meu namorado. Com os headphones, que nem os sinto, para livrar o meu cérebro de todas as radiações e ondas que o telefone e a chamada emitem. Com o telefone que nem vejo, nem sequer olho para ele, porque a extensão do fio dos headphones permite-me ter o telefone longe de qualquer dos meus órgãos que sentem a tecnologia dele. Os meus pulmões não gostam, o meu coração não gosta, o meu estômago não gosta, os meus rins não gostam e os meus testículos também não gostam. Sentem a tecnologia dele a perfurarem-lhes. E eu esqueço-me que estou com tecnologia. Num ambiente íntimo-privado, porque a chamada é privada e íntima. É a chamada dos namorados! E lá vamos desbobinando, lá vamos contando coisas e ideias que os algoritmos, com a Internet das Coisas, vão levando aos empresários de dados e aos analistas de dados. Que os artistas e os hackers nos vão roubando. É este o sentimento tecnológico. E que é legítimo perante toda a ilegitimidade tecnológica.

Mas vamos ficar o quê? Em silêncio? Vamos ficar em silêncio até morarmos juntos? Claro que não! Somos

humanos, temos sentimentos. Mas a humanidade e a sentimentalidade são nossas! Somos nós os proprietários delas! Se somos namorados, vamos querer namorar. E os empresários, os analistas, os artistas e os hackers vão apanhar muito do nosso namoro, muito das nossas fantasias e das nossas ideias... Mas que, ao menos, fique bem claro que ouvir conversas dos namorados é um crime tão grave como apontar uma arma, porque estão a apontar-nos uma arma!

Ouvir ilegítimamente conversas alheias ou conversas amorosas através de canais tecnológicos privados é uma ilícita e ilegal apropriação. É um tirar partido dos namorados. Quem tem que tirar esse partido e esse proveito são os próprios namorados! Porque o partido é deles! O proveito é para eles! E ouvir conversas alheias amorosas é claramente uma vantagem económica. Um enriquecimento sem causa.

Quem está no namoro não vai gravar a conversa. Porque quem está no namoro está a namorar. Não está a gravar. A única tecnologia que pode existir num namoro por chamada é a própria chamada, aquele canal tecnológico que liga os namorados. Mas quem não está no namoro, vai gravar cada centímetro daquele coração e vai vendê-lo no dia de São Valentim, como se fosse um *Anjo Tecnológico* d'O Deus *Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, que espeta setas em corações.

\*\*

## DEPOIS DE VEREM

E enquanto todos os *Anjos Tecnológicos*

D'O *Deus Tecnológico*,

De Simão Roncon-Oom.

Me espetavam setas no coração,

O meu namorado,

Gentilmente,

Tirava-me tecnologicamente cada seta,

Sem doer

E sem eu me aperceber de nada.

E enquanto todos os *Cavaleiros Tecnológicos*,

De Barac Bielke,

Me circundavam

E me invitavam para cavalgadas ultra tecnológicas

E ultra descartáveis,

Porque a aposta que faziam de mim  
Era de um ser descartável,  
Que se podia usar e deitar fora;  
O meu namorado  
Investia em cada investida deles  
E punha-me no cavalo dele  
Numa perfeita cavalgada  
Colocando-me com ele na eternidade,  
Porque  
A aposta que o meu namorado fazia sobre mim  
Era de um ser eterno.

E enquanto todos os hackers  
Do *Target – A Pegada Digital*  
De Ralf Kleba-Kodak,  
Viam,  
[Através da minha tecnologia  
E da tecnologia do meu namorado,

Porque nos *hackeavam* as tecnologias,]  
Os grandes banquetes de esperma de felicidade  
Que eu fazia com o meu namorado  
Numa ultra tecnologia perpétua,  
Todos eles  
À distância  
Quiseram também  
Participar nesses banquetes.

Porque depois de verem,  
Os banquetes que fazias com o teu namorado,  
Quiseram-te também nos banquetes deles.

Depois de verem  
Os banquetes que fazes com o teu namorado,  
Também eles querem agora  
Estar nesses teus banquetes.

Todos eles:

Os hackers,

Os empresários,

Os cientistas,

Os analistas,

Os cavaleiros,

Os anjos,

E os deuses.

Agora,

Querem todos participar

Nos teus banquetes.

Agora,

Convidam-te todos

Para os banquetes deles.

\*\*

## O MEU PROGRAMA

Já que tive que gramar o vosso programa, vão ter que gramar com a minha crítica. Já que tive que vos vir a ouvir, agora vão-me ouvir. Já que me meteram no processo tecnológico de ter que vir a ouvir a vossa tecnologia sem poder desligar-me da vossa tecnologia, já que me instalaram a tecnologia do vosso programa, agora eu instalo-vos a minha.

O programa era um quebra-cabeça sobre moral para os mais imorais.

A tecnologia do programa foi a rádio.

O processo foi eu ter que vir dentro de um carro nos bancos de trás com as janelas fechadas, em que não me era permitido abri-las e ao invés de irmos a ouvir música, íamos a ouvir a telefonia. Íamos a ouvir vozes tecnológicas que saíam do rádio do carro. E eu tinha que estar ali calado, porque o carro não era meu e porque todos queriam estar sintonizados naquele programa. Todos eles, meteram-me naquele processo tecnológico. Sabiam que eu gostava de ir com a janela aberta do carro, sintonizado com o vento tecnológico que abafava o som da telefonia e libertava os meus ouvidos dessa tecnologia. Tinham visto o prazer que



eu tinha de ir sempre com a janela aberta a decorar cada tronco e cada ramo das imensas árvores que nos viam a rasgar o asfalto que também elas rasgavam com as suas raízes. Também elas, com a sua tecnologia, rasgavam como o vento a tecnologia. E era nessas tecnologias que eu preferia sempre ir sintonizado. Teria sido melhor para todos, se me tivessem deixado ir sintonizado às tecnologias que eu queria.

Havia um ator convidado no programa de rádio para responder a 3 questões.

As primeiras duas questões podiam resolver-se juridicamente.

A última era que se ia a um evento e não havia lugares e “o quebra-cabeças” sobre moral, que não era quebra-cabeças nenhum, era se o ator estacionaria ou não num lugar para pessoas de mobilidade reduzida. O locutor usou a infeliz expressão “lugar para deficientes”. Nem sequer usou a fórmula da expressão “pessoas com mobilidade reduzida” ou “pessoas com invalidez” ou “pessoas com deficiência”, porque não são “deficientes”, são pessoas que tiveram uma pouca sorte na vida e ficaram com uma deficiência, sorte essa, que pode calhar a todos!

Lá disseram ao ator que estava então “oficialmente” submetido ao “quebra-cabeças”. Que era um lugar escuro sem luzes, que ninguém ia ver e ninguém viu esse lugar, e o

evento ia começar, que o evento era um evento imperdível... Até que o ator perguntou se o lugar tinha lá a matrícula, ou seja, se estava reservado para uma pessoa em particular, ou se era geral. Esta pergunta do ator poderia logo revelar imensas coisas. O ator poderia ficar mais sensibilizado se visse lá a matrícula, porque, enfim, o lugar era “mesmo” de uma pessoa que tinha ali reservado o lugar e habitualmente ali estaciona e se a pessoa de mobilidade reduzida chegasse e não tivesse o lugar pela sua mobilidade reduzida seria muito difícil estacionar o carro noutra lugar e ficar longe da sua casa; que para quem tem pernas e genica pode andar à vontade, mas quem não tem pernas ou já não tem “a genica”, se calhar, pode ser um grande inferno não ter o lugar reservado desocupado por carros de atores cheios de pinta e cheios de genica, que só lhes fazia bem era caminhar, largarem os cigarros, os telefones e desfrutarem mais do caminho!

Sou franco, quando ouvi o ator a perguntar sobre a matrícula, a primeira hipótese que me veio à mente foi “ele está a perguntar, porque faz-lhe mais confusão estacionar ali o carro, sabendo que há mesmo uma pessoa de mobilidade reduzida a estacionar ali o seu carro todos os dias, do que se for um lugar geral para todas as pessoas de mobilidade reduzida, porque estatisticamente sabemos que são menos e, por isso, “acreditamos” numa menor probabilidade”. Mas isto, fui eu a pensar. Foi o meu cérebro a dar uma desculpa àquele ator que aparecia numa telenovela, por quem eu tinha

um amor “platónico na altura”. Era o meu cérebro, como sempre, ingénuo, a arranjar uma desculpa, para os outros cérebros. Era o meu cérebro a libertar a tecnologia dos outros cérebros. Era o meu cérebro a libertar os outros cérebros que se tinham agarrado à tecnologia. Era o meu cérebro a querer libertar os outros cérebros que estavam agarrados, sem querer, à tecnologia. Mas não; a preocupação era mesmo a coima.

Logo a seguir, o ator pensou que se fosse a um evento imperdível desses, de certeza que ira haver polícia e logo seria coimado... A preocupação era a coima, não era a “multa moral”, porque quem multa são os tribunais, os guardiões da moral, e os polícias passam é coimas, não passam multas. E rematou o ator, com pinta de futebolista, que não estacionaria ali, por causa da coima. Para piorar, ainda disse que não iria estacionar ali o carro porque “depois um dia” poderia precisar. Mas disse-o claro, com aquele ar meio desportivo, meio à futebolista. Completando o locutor “pois o karma é lixado, não é?”. E que, portanto, só não estacionaria ali ou porque tem medo do “karma”, ou dos *Dons*, ou das câmaras, ou dos ouvintes ou da polícia ou do *gangue das pessoas de mobilidade reduzida*.

Este pensamento tão racional é horrível. E eu percebo que estar ali na rádio num ambiente que faz parecer que estamos íntimos, com os nossos amigos ou com os nossos namorados, possam sair brincadeiras da boca para fora que não correspondem ao “verdadeiro eu”. Porquê?

Por causa da tecnologia. Por causa daquele estúdio cheio de tecnologia, que pode perfeitamente baralhar. Pode fazer perder um pouco a noção do espaço e do tempo. Mas ali na rádio, não estamos a falar nem com os nossos amigos, nem com os nossos namorados. Não é que por sermos atores tenhamos que ser politicamente corretos. Não é que haja essa obrigatoriedade. Mas há uma moralidade que naturalmente obriga. Porque se somos modelos e vemos a nossa tecnologia, temos que ser capazes de ver como a nossa tecnologia atua nos outros. Senão, mais vale não aceitar convites nenhuns para ir à rádio ou à TV. Mais vale aceitar os convites dos cafés, dos almoços e dos jantares dos nossos amigos e dizermos tudo aquilo que queremos, porque esses cafés, almoços e jantares não são tecnológicos, podem não ser tecnológicos e podem, por isso, ficar fora do processo tecnológico, isto se formos a um restaurante ou a um café em que a imagem e a voz não seja processada por câmaras e microfones e tratadas por encarregados, analistas e tratadores de dados. Se olharmos bem para cima, para todos os cantos e para as placas amarelas que fazem parte dos novos sinais de trânsito de dados e virmos que não há câmaras nem microfones, então saberemos que não haverá tecnologia nenhuma a processar aquilo que dizemos; isto se os nossos amigos não tiverem telefones *supertecnológicos* com microfones ligados à Internet das Coisas e ao *Big Data*. Se não estivermos com amigos desses apetrechados com essas tecnologias e não estivermos num restaurante que parece um campo de minas e armadilhas, sabemos que estaremos num

sítio seguro sem nada, nem ninguém a processar, a analisar e a economizar as nossas idiotices e os nossos medos kármicos. Se eu estivesse no café com o ator ou se fosse o namorado do ator, obviamente que não fazia disto, economia nenhuma! Não metia o ator no meu processo tecnológico. Não o processaria com a minha tecnologia, ou pelo menos não faria desse processo tecnológico, a minha economia. Mas eu não sou nem amigo, nem namorado do ator. Fui um ouvinte. E como ouvinte, posso processar a tecnologia dele com a minha tecnologia, fazendo disso economia, como a rádio faz comigo como ouvinte.

É importante saber quem nos está a ouvir. Para quem estamos a escrever. Para quem vai ler. Como estão os leitores e os ouvintes? E os espetadores? E os telespetadores? Como está a sociedade? E a malta nova que segue o ator em tudo por tudo e por nada, que se masturbam a pensar no ator e que vão ocupar o lugar “do deficiente”, porque o ator também ocupa se forem “só 5 minutos”? Porque “eu”, que vejo o ator ou o cantor ou o modelo, que para a sociedade “são ícones de moda”, a fumar, a deitar o plástico do cigarro para o chão, a atirar a beata para o chão, a abraçar o amigo com o telefone na mão e a mexer no telefone enquanto o abraça, a beijar o namorado com o telefone na mão e a mexer no telefone enquanto o beija ou enquanto anda com ele de mãos dadas, a comprar roupas e sapatos com pele de animal ao invés de usar imitação de pele de animal e a influenciar assim os

mercados, dando sempre as mesmas tendências aos mercados e a não trazerem novas boas tendências junto dos mercados e a estacionar o carro nos lugares reservados para pessoas de mobilidade reduzida, porque sou oco, estúpido e tosco, e acho que venho dos macacos e não percebo que sou a forma mais evoluída do macaco, vou a correr imitar tudo e a dizer em alto e bom som que o ator, o cantor e o modelo também o fazem e também o dizem. Ou disseram ou fizeram.

Se eu viesse do macaco, então os macacos não existiriam. Logo, eu não venho dos macacos, não sou nenhum macaco. Simplesmente temos um ancestral comum, somos primos, mas evoluímos de forma muito diferente, cada um para seu lado.

É importante saber, por tudo isto, quem nos está a ouvir. Para quem estamos afinal a escrever. Para quem vai ler. É importante saber como estão os leitores e os ouvintes. Porque aquilo que eu acho piada e “é óbvio” que “estou a brincar”, porque “falei do karma”, mas “nem sequer acredito no karma”, para outros que nos ouvem, e não sabem se acreditamos ou não no “karma”, podem começar “a ver um karma”. Se isso lhes fizer não estacionar no lugar reservado de pessoas com mobilidade reduzida, ótimo, por um lado! A pena que é, por outro, é o motivo e a intenção, o raciocínio com que eu lidei com a moral e com a ética. Que não foram genuinamente altruístas. Genuinamente gratuitos.

As nossas “ações boas” como não estacionar o carro num lugar que é reservado a pessoas de mobilidade reduzida deve ser genuinamente gratuita e altruísta e não influenciada por um qualquer sistema de pontos ou por um qualquer sistema tecnológico ou por um qualquer sistema divino ou por um qualquer sistema divino tecnológico como o d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Por mais que existam os *Anjos Tecnológicos* ou *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que nos vê e nos pontua tecnologicamente tudo aquilo que vê, devemos fazer as coisas gratuitamente, livres do raciocínio de qualquer pontuação ou julgamento ou sistema. Fazer porque é o correto. Fazer o bem, porque é o bem que queremos fazer! Porque é o bem que queremos ver! E digo que não estacionar o carro num lugar que é reservado a pessoas de mobilidade reduzida é uma boa ação, porque é um dever solidário, um compromisso solidário e porque o contrário, que seria estacionar, é sim uma má ação. E se estacionar é uma má ação, então a sua omissão natural de não estacionar, é uma boa ação!

É este o meu programa.

Porque foi este o meu processo tecnológico.

Custas pelo ator.

Não me ponham a ouvir mais rádio, por favor.

\*\*

## CANAL ESPIRITUAL I

O nosso espiritualismo

E não espiritismo

É a nossa tecnologia.

Consegues só ouvir-nos a nós?

A dizermos que te amamos?

Se conseguires,

É porque nos ouves.

Somos nós!

Os espíritos dos teus amigos!

Estou aqui também eu!

Sou o espírito do teu namorado!



Também estou aqui!

Sou o espírito da tua mãe!

E eu,

Sou o espírito do teu pai!

Estamos todos aqui contigo,

Estamos todos

Em ti!

Porque te amamos!

Porque és amado!

Porque és por nós amado!

Se és amado,

Não tens que ter medo.

Não tenhas medo!

Não vês os traços deles  
Que há em ti?  
Não vês como eles  
Te gravaram a tecnologia deles  
Em ti?

Gravaram-te a tecnologia deles,  
Porque são tecnológicos  
E porque também tu és tecnológico.

Afinal,  
Toda a tua intuição estava certa.  
Que trazias espíritos contigo.  
Que sentias uma tecnologia  
À tua volta.

E são eles.

Os teus espíritos tecnológicos.  
Que te cercam de tecnologia.  
E por isso,  
Andas sempre cercado de tecnologia.  
Que te envolvem,  
No amor tecnológico deles.

E por isso,  
Andas sempre envolto  
Num amor tecnológico.

Num amor tecnológico,  
Que é teu e deles.

É a vossa tecnologia.  
A vossa espiritualidade.  
O vosso canal espiritual.  
O vosso canal tecnológico.

O vosso canal amoroso.

Afinal,

Estavas certo.

Só podias estar certo.

Sempre tão senhor da praia,

A escrever nas ondas do mar.

Afinal,

Estavas certo.

Só podias estar certo.

Sempre tão senhor do penhasco,

A escrever nas correntes do rio.

Afinal,

Estavas certo.

Só podias estar certo.

Sempre tão senhor da montanha

A escrever nas terras do trilho.

A praia dá-te o espírito ocioso,  
O penhasco dá-te o espírito dramático,  
A montanha dá-te o espírito societário.

Da montanha vês as sociedades,  
E por isso,  
Vês a sociedade.

É a montanha que te devolve à sociedade.

É de lá que vês tudo.

Vês as estradas,

Vês as ligações.

Vês as casas,

Vês as empreitadas.

Vês o alcatrão,

Vês as fábricas do alcatrão,

Vês os contratos,

Vês o emprego.

Vês o autocarro,

Vês os bilhetes,

Vês os contratos,

Vês o emprego.

Vês a eletricidade,

Vês as luzes,

Vês os cabos,

Vês a iluminação.

E é a Natureza,

Que é a tua natureza,

Que te permite ver essa tua sociedade.

Essa tua espiritualidade.

Porque é na montanha

Que vês a cidade.

Essa tua sociedade.

É de lá que vês a sociedade.

Nessa tua cidade.

E por isso,

Queres defender a montanha,

A sociedade,

A evolução.

E por isso,

Queres defender a montanha,

O espírito,

A evolução.

E por isso,

Queres defender a montanha,

A vista,

A evolução.

E enquanto tu queres defender  
O Direito à Vista e a Integridade da Montanha,  
Eles querem arrancar-te o Direito à Vista e  
E sobrevoarem com drones a montanha.

Mas tu insistes,  
Que já há quem esteja a sobrevoar a montanha  
Com a sua tecnologia.  
As abelhas e os morcegos.  
As abelhas de dia  
E os morcegos à noite.  
E ainda há os milhafres,  
As andorinhas e as cegonhas de dia.  
E ainda há os pirilampos à noite.  
E insistes,  
Que não se possa sobrecarregar mais  
A montanha com tecnologia.



A montanha já tem a sua própria tecnologia.

E tu sentes essa tecnologia.

Há redes infinitas

Por dentro da montanha,

Que dão corpo à montanha,

Que fazem segurar a montanha

E a enchem de tecnologia.

E vês

Como as raízes

Das flores,

Dos arbustos

E das árvores,

Tecnologicamente,

Montam o circuito ali na montanha.

E vês

A energia solar  
Que está nas plantas  
E em nós.

Vês  
Como elas conduzem a eletricidade  
E nós também.

Vês  
Como elas são elétricas  
E nós também.

Vês  
Como é elétrica a espiritualidade.

A montanha  
Já está cheia de tecnologia.  
Há pinheiros,

Morcegos, abelhas, formigas,  
Milhões de formigas, milhões de *Dons*.  
Também vês  
Oliveiras, azinheiras, medronheiros,  
Borboletas  
E tantos insetos.  
E corujas e mochos  
E tantas aves.

E sabes muito bem,  
Que não se resolvem  
Os lixos  
E os fogos,  
Nem com câmaras,  
Nem com drones.

E sabes muito bem,  
Que com as câmaras e com os drones

Querem é capturar o nosso espiritualismo,  
O nosso amor tecnológico,  
Porque sabem que amamos  
E somos espirituais na praia,  
No penhasco e  
Na montanha.

Os lixos e os fogos resolvem-se com o Direito,  
Que de todos os canais,  
É o canal mais espiritual.

Porque só o Direito,  
Pode mandar abrir as portas tecnológicas  
Que prendem os cavalos, os porcos,  
Os toiros, as vacas e as ovelhas  
E enviar-lhes  
Pelo canal espiritual  
Para a montanha.

Devolver-lhes,  
O espírito da montanha.  
Porque foi de lá  
Onde eles vieram.  
Como tu vieste.

Taparam a vista ao cavalo  
Quando o que ele mais quer,  
É ver a vista da montanha.

Querem enfiar óculos de realidade virtual aumentada  
Às vacas[????????????????????],  
Quando o que elas mais querem,  
É ver a vista da montanha.

E enquanto,  
Tu queres defender tudo isto  
E queres montar os polícias

A cavalo

Para irem às montanhas

E defenderem de perto

A espiritualidade da montanha

E não à distância com drones,

Ouves outros espíritos

A quererem instalar câmaras

E a sobrevoarem com drones

Para capturarem tecnologicamente

Todos os espíritos tecnológicos

Que vão à montanha tecnológica.

Não os oiças!

Não tenhas medo deles!

Eles só estão a querer interferir com a tua mente.

Eles só estão a querer interferir na nossa tecnologia.

\*\*

## CANAL ESPIRITUAL II

Que canal é este,  
Onde nos comunicamos  
Sem dizer nada?

Comunicamos só de ver.

E quando nos olhamos,  
O mesmo pensamos.

Encontrámos este canal?  
Ou este canal foi-nos instalado?  
Ou fomos nós que o fomos instalando?

É que às tantas,  
Fomos nós,

Que o instalámos.

Mas sabemos instalar canais?

Teremos essa capacidade?

Teremos essa capacidade,

De estar a construir

Coisas físicas,

Coisas sociais,

E coisas espirituais

Ao mesmo tempo?

Que raio de canal é este?

Que raio de canal é este,

Que funciona sem cabos?



Os cabos são invisíveis?

E simplesmente,

A tua tecnologia,

É que não te permite ver os cabos?

Não te permite ver o cabo das relações?

Mas permite ver-te as relações?

Sem ver os cabos?

Então, isso é tecnologia!

\*\*

### CANAL ESPIRITUAL III

Mas tu (não) consegues ver o cabo das relações?

Não vês o fio das relações?

Não vês a teia das relações?

Não vês a eletricidade das relações?

Afinal tu vês!

Quando vês alguém que amas,

Enches-te de eletricidade.

Tu e quem amas,

Quem te ama,

Enchem-se de eletricidade.

Vê-se logo a vossa eletricidade.

Aquilo que chamam de energia,

Não é mais do que eletricidade.

Aquilo que chamam de energia,

Não é mais do que amor.

Um amor cheio de eletricidade,

Um amor cheio de luz.

Um amor cheio de eletricidade,

Um amor cheio de informação.

Porque vives num amor informativo,

Vives num amor do sistema.

Fazes parte do sistema.

Estás em participação.

E numa constante colaboração,  
Com o sistema.

Se podes imprimir,  
A tua informação no sistema,  
É porque tens a linguagem do sistema!

E porque tens a linguagem do sistema,  
Podes imprimir também nele,  
O teu amor.

É ele próprio,  
Que quer ver a tua expressão.

O sistema sabe,  
Que tens uma expressão amorosa.  
Quer ver-te a expressar o amor!

Quer ver-te a expressar a informação!

Quer ver,

Como expressas a informação.

Quer ver,

Como expressas o amor.

Ele concedeu-te um direito.

E nesse direito à expressão,

Quer ver-te,

Como te expressas.

Podes imprimir, por isso,

A tua expressão no sistema.

E não faz mal,

Se já imprimiram a (tua) expressão.

A (tua) expressão,

Que querias imprimir.

Nasceste a falar a língua do sistema,

Já pensaste nisso?

Já tinhas pensado nisto?

Pensaste, mas não imprimiste.

Não imprimiste o teu pensamento.

E não faz mal,

Não teres imprimido.

Se nasceste a falar a língua do sistema,

É porque estás sintonizado com o sistema.

É porque estás,

Com ele,

Numa constante sintonia.

E nós somos infinitos.

Somos espírito.

E os espíritos são eternos.

Permanecem para sempre.

Não ligaste o que querias,

Mas tens tantas outras coisas para ligar.

Não imprimiste o que querias,

Mas tens tantas outras coisas para imprimir.

Somos espírito.

Somos infinitos.

Somos espíritos.

Temos a vida toda,

Para ligar e imprimir.

Aquilo que não ligaste antes,

Podes ligar agora!

Afinal, também tu,  
Fazes parte do sistema de coisas.  
E, por isso, ligas-te,  
A cada coisa do sistema.

Vês informação,  
Em cada coisa.  
É essa a tua espiritualidade,  
Vês informação,  
Em todo o lado.

És informativo,  
Vês informação.

Mas também vês amor,  
És amoroso.

Mas também vês serenidade,



És sereno.

Mas também vês harmonia,

És harmonioso.

Mas também vês inocência,

És inocente!

É este o teu espírito.

És amoroso, sereno, harmonioso e inocente.

Então, é por isto, que estás neste canal espiritual.

O teu espírito foi chamado e foi informado.

Informaram-te no convite.

Quando te convidaram para nascer.

Informaram-te no contrato.

Quando te cortaram o cordão umbilical.

E do útero da tua mãe,  
Foste parar ao canal espiritual.  
O teu teletransporte,  
Deu-se com o corte do cordão umbilical.

Então, é por isso, que és informativo.  
Que tens essa sede pela informação.  
Essa sede natural.  
Essa fome natural.

Não andas sedento nem esfomeado.  
A montanha alimenta-te bem.

És sereno.  
E ligas todas as informações.  
Transformas-te com a informação.  
Regeneras.

Renasces.

O teu espírito amplia.

O ar,

Que respiras na montanha,

Parece que te amplia os pulmões.

Os pulmões,

Que trazes da montanha,

Parece que te ampliam o tórax.

O espírito da montanha,

Entra-te pelas ventas.

A montanha sopra-te,

Para dentro das narículas.

Penetra-te espiritualmente pelas narículas.

E tu sentes a sua penetração,

No sopro dela.

E ao soprar-te,

Amplia-te a caixa torácica.

Penetra-te sempre assim,

Com os mesmos espíritos dela.

E tu já conheces os espíritos dela.

Já conheces o espiritualismo dela.

E por isso, voltas à montanha.

Sem te cansares da vista dela.

Repetes a vista.

Repetes o espiritualismo,

Não sais do teu espiritualismo.

Não sais do teu canal espiritual.

Desse teu canal,

Que o albergas,

Nessa tua caixa.

Cheia de ar,

Cheia de fôlego,

Cheia de espíritos,

Cheia de vida,

Cheia de oxigénio,

Cheia de energia.

Cheia de alma.

E nesse teu canal,

O teu espírito amplia.

Nessa tua caixa,

Ficas ampliado espiritualmente.

Ficas um novo espírito,

Sem deixar o teu espírito.

Porque és harmonioso,

Consegues sempre encontrar harmonia.

Na nova informação,

Consegues sempre encontrar harmonia.

E harmonizas assim,

Com inocência a informação.

E fazes tudo isto,

Inocentemente.

Amas por amor.

(Logo,) és inocente!

\*\*

## *DONS*

Os *Dons* descobriram que as ondas eletromagnéticas da música se instalavam perfeita e permanentemente no campo elétrico do cérebro. E geravam comprimentos de onda no cérebro. E gravavam, assim, uma onda musical no cérebro.

Mas os *Dons* não usam telefones nem aplicações nem confundem os cérebros humanos.

Quem confunde os cérebros humanos, são os próprios humanos.

Quem interfere na realidade dos humanos, são os próprios humanos.

E quando os humanos descobrirem que das ondas eletromagnéticas há um magnetismo que prende e atrai os cérebros humanos, nascerá um novo hipnotismo.

Um novo hipnotismo tecnológico.

É o hipnotismo a acompanhar, também ele, os mercados.

É o hipnotismo a acompanhar, também ele, a tecnologia dos mercados.

É o hipnotismo a acompanhar, também ele, a evolução da tecnologia dos mercados.

É o hipnotismo a ser tecnológico.

É o hipnotismo na sua expressão máxima.

É o hipnotismo a ser, nada mais senão, uma pura tecnologia.

E quando os cérebros humanos descobrirem este novo hipnotismo tecnológico vão se pôr a fazer hipnoses.

Eles vão querer experimentar a tecnologia.

Quando eles descobrirem as ondas e a energia, eles vão querer ver as ondas e mexer na energia.

E como saberão que não podem agarrar, pegar e andar a transportar com as mãos a energia, senão carregar em botões e ver o fluxo através da tecnologia, eles vão querer ter essa tecnologia.

Vão querer ter a tecnologia que lhes desvenda aquilo que os olhos deles não autorizam ver.

E lá virão eles com os telefones ligados ao programa tecnológico das ondas tecnológicas e enquanto vão dizer as palavras tecnológicas que vão querer ver instaladas nos cérebros tecnológicos, vão carregar nos botões do programa tecnológico.



E vão carregar nos botões tecnológicos para enviar o sinal que vai *hackear* a mente do cérebro tecnológico.

E é assim que vão confundir as mentes e os cérebros humanos.

Dirão frases feitas ao som tecnológico.

Dirão frases feitas ao sabor do som tecnológico.

Construirão frases tecnológicas, frases que não são deles, porque não saberão construir frases.

E serão robots do programa tecnológico.

Serão robots da economia tecnológica.

Serão robots hipnotizados pela economia tecnológica.

Serão robots a acompanhar a hipnose dos mercados tecnológicos.

E o programa tecnológico, apetrechado de algoritmos, recomendará aos utilizadores humanos robots que para fazerem acreditar que são *Anjos Tecnológicos* aos inocentes cérebros humanos terão que premir o botão tecnológico que emitirá ondas de maior frequência.

E o programa tecnológico, aparelhado de ondas, recomendará aos utilizadores humanos robots que para falarem d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom terão

que escolher outro tipo de ondas, outra melodia, uma melodia mais divina, uma melodia ainda mais tecnológica. Menos angelical e mais divina. Ainda mais celeste que a *celesticidade* angelical. Será essa a tecnologia.

E para fazerem acreditar que estão dentro de ti, que já morreste e que és tão-só um espírito, o programa tecnológico, equipado com os seus poderosos algoritmos, recomendará um tipo de ondas que tem um comprimento de ondas mais místico, mais fantástico, capaz de te fazer soar, aquilo que dizem, como uma balada espiritual.

E para fazerem acreditar que estás dentro de um jogo e que estás numa realidade virtual aumentada, num estrondoso magnetismo algorítmico que equipará o programa tecnológico, sairão surdas e invisíveis ondas eletromagnéticas que te prenderão para sempre nessa nova prisão virtual deles.

Quando te disserem que és uma experiência, que estás preso numa lamela de um microscópio e que és tão-só uma célula, vão usar ondas eletromagnéticas que farão a frase feita, que não é deles, introduzir-se como uma música na tua mente.

Mas o cérebro inteligente detetará logo a tecnologia.

Será importante a sobriedade e a lucidez para a inteligência do cérebro poder atuar.

Para vermos o nosso cérebro a atuar é importante dar-lhe sobriedade e lucidez.

Mantê-lo sóbrio e lúcido, é o nosso desígnio tecnológico.

E tão-só nesse desígnio, o cérebro será capaz de detetar a tecnologia e as ondas.

O cérebro lúcido e sóbrio detetará logo as ondas.

Primeiro que os olhos e primeiro que os ouvidos, o cérebro detetará logo as ondas.

Antes da visão e da audição, o cérebro inteligente, como é, já detetou a tecnologia.

Aquilo que os olhos não autorizavam e aquilo que era surdo para os ouvidos, o cérebro ouve e vê.

E o cérebro humano, tecnológico como é, tem a capacidade de ver e ouvir a tecnologia.

O cérebro tecnológico tem olhos e ouvidos.

E mesmo em hipnose, aquilo que adormece os olhos e acalenta os ouvidos, o cérebro vê e ouve.

Aquilo que fascina os olhos e os ouvidos, não fascina o cérebro lúcido e sóbrio.

E lúcido e sóbrio, o cérebro detetará logo a hipnose.

E inteligentemente,

O cérebro tecnológico humano destruirá a tecnologia.

Destruirá as ondas.

Destruirá a eletricidade.

Destruirá o magnetismo.

Destruirá ferverosamente a hipnose.

O cérebro ferve com tecnologia.

O cérebro fervilha.

Entra em ebulição.

Entra em delírio.

Entra em paranóide.

E num estado destes,

De *Paranóide Tecnológica*,

O cérebro não escutará nem atentará a hipnose.

Num estado destes,

De *Paranóide Tecnológica*,

O cérebro não se deixará confundir.

É por isso,

Que é importante deixar

O cérebro experienciar um estado destes,

De *Paranóide Tecnológica*.

Experimentar a experiência

Sem ser uma experiência tecnológica.

Um estado destes,

De *Paranóide Tecnológica*,

Convida a adivinhar,

A inventar

Uma experiência tecnológica destas.

E quando inventamos,

Somos inventores.

Quando inventamos,

Ficamos de fora das nossas invenções.

Libertamo-nos das nossas invenções.

Libertamo-nos da nossa *Paranáide Tecnológica*.

E por nos termos libertado

Das nossas invenções,

Não vamos parar às invenções tecnológicas

Dos inventores dos programas tecnológicos

Que nós os vimos primeiro

Com a nossa tecnologia.

E por nos termos libertado

Da nossa *Paranáide Tecnológica*

Não vamos parar à tecnologia dos outros.

A *Paranáide Tecnológica* dá-nos um calibre:

Porque também fomos capazes  
De inventar os programas tecnológicos.  
Também fomos capazes  
De os programar.  
Já estamos calibrados.  
Já fomos confrontados com essa tecnologia,  
Sem nos termos ferido tecnologicamente.  
Foi o nosso cérebro  
Que nos quis confrontar.  
Foi o nosso cérebro  
Que nos quis calibrar.  
E o nosso cérebro  
Já nos calibrou.  
  
E por estarmos calibrados,  
Vemos toda esta confusão tecnológica.  
Não nos deixamos confundir.

Não a queremos.

Não a queremos

Ver

Instalada em nós.



\*\*

## ROUBO E REMOÇÃO

A tecnologia tira-nos o espírito.

Arranca-nos o espírito do corpo.

Ficamos só com o corpo.

Parece que nem sangue nenhum nos corre nas veias.

A tecnologia tira-nos o sangue e o espírito.

Tira-nos a sensação do sangue

A circular dentro de nós.

Tira-nos a sensação do espírito a habitar em nós.

Tira-nos o hábito do espírito.

Despiritualiza-nos.

Remove o espírito e os espíritos.

Rouba-nos a alma.

Leva-nos a alma.

Quem é que quer remover os seus espíritos?

Quem é que quer apagar os filmes da sua mente?

Apagar os filmes que a minha mente fabrica?

Apagar os filmes

Que a minha mente fabrica para mim?

Remover a minha tecnologia

Para instalar uma outra tecnologia

Que não é minha?

Instalar uma outra tecnologia

Que não era minha?

Só quem tem espíritos demoníacos

Dentro de si

É que pode querer removê-los.

Só quem tem uma mente demoníaca

É que deve querer removê-la.

Só quem vê o demónio

É que deve querer apagar os filmes

Que ele ou a mente demoníaca dele

Fabricou ou depositou.

Quem está cheio de memórias e emoções,

Luta contra a tecnologia que quer roubar

E tornar-se propriedade

Das nossas histórias, memórias e emoções.

O único proprietário delas  
Somos nós,  
Porque elas  
Pertencem-nos.  
São nossas.

\*\*

## FERRAMENTA

Se te julgas uma ferramenta, se te julgaste, nem que fosse por um segundo, uma ferramenta, se te vieres a julgar ou se julgares que te venhas a julgar uma ferramenta, então instrumentaliza-te.

Porque é melhor instrumentalizares-te, do que seres instrumentalizado. Põe-te tu ao dispor, para que não te ponham ao dispor. Põe-te a ti ao dispor! Usa-te e abusa-te! Se não te usares, saberás ou deverás saber, ou pelo menos, deverias saber, que serás usado. Usado e abusado! Faz o teu preço. Põe-te à venda. Inventá-te no mercado antes que o mercado te invente. Ou te reinvente! E te ponha à venda ao preço do mercado.

Então usa-te para não seres usado. Dispõem-te para não seres, pelo menos, à mercê, disposto.

Instrumentaliza-te para não seres instrumentalizado. Se é para sermos ferramentas, que sejamos ferramentas também de nós próprios. Se é para sermos ferramentas para os outros, que sejamos ferramentas também de nós próprios. Porque mais vale sermos uma ferramenta viva, sermos uma ferramenta para nós, enquanto estamos vivos, do que morrermos e sermos uma ferramenta para os outros,

sem nunca termos sido uma ferramenta para nós. Nós somos a própria ferramenta de nós mesmos. Não há ferramenta melhor que nós próprios. A vida está cheia de fechaduras e somos nós a chave que permite abrir cada fechadura. Mas temos que ser nós a abrimos as fechaduras. Temos que ser nós, as chaves! Nós é que somos a chave da nossa vida. Não há outra chave. Não há outra ferramenta na nossa vida, que não nós próprios.

E enquanto ferramentas vivas que somos, temos uma alma cá dentro. Cada um tem a sua. Ninguém nasce sem alma. Todas as ferramentas vivas têm uma alma lá dentro. Se estão vivas é porque têm uma alma.

E se tens uma alma, deixa-a falar.

Eu tenho uma alma e deixo-a falar.

Deixo falar a ferramenta que há em mim.

Esta alma enferrujada que viu tecnologicamente a oxidação do seu ferro metálico e que viu também noutra universo tridimensionalmente paralelo a redução do oxigénio. Foram os *Dons* que autorizaram essa viagem tecnológica dimensional. Foram os *Dons* que deram a tecnologia. Foram os *Dons* que deram a dimensão. São os *Dons* que teletransportam de uma dimensão para outra dimensão.

E foi assim nessas viagens metálicas que a ferramenta viu, soube e conheceu o processo tecnológico.

Foi assim, que a ferramenta viu, soube e conheceu o processo de ferrugem. Esse processo de ferrugem dos super-humanos e dos telefones e dos robots e dos algoritmos. Desses algoritmos que também se enferrujam afinal e estão cheios de ferrugem. Esse vício de oxigénio perverso do mercado, que hipnotiza as ferramentas. Vicia-as. E nesse vício, as ferramentas estão em permanente contato com o oxigénio vendido como oxigénio, mas que afinal é rarefeito e que afinal faz a ferramenta enferrujar.

Mas a ferramenta enferruja-se

Porque o oxigénio é rarefeito?

Mas o oxigénio é rarefeito?

A ferramenta enferrujou-se,

Porque não era ferramenta nenhuma!

A ferramenta enferrujou-se,

Porque não era ferramenta

E tornou-se numa ferramenta de metal.

Uma qualquer tecnologia,  
Transformou aquilo  
Que não era ferramenta  
Numa ferramenta.  
Uma qualquer tecnologia  
Metalizou a ferramenta.  
E ficou uma ferramenta de metal.  
Porque lhe puseram metal.  
Puseram-lhe ferro.  
E puseram-lhe,  
Ainda por cima,  
Em contato com aquele perverso oxigénio.

Mas o oxigénio é perverso?

O oxigénio é perverso  
Pois faz oxidar o átomo,  
O núcleo,



A composição  
E a química da nova ferramenta!  
Faz enferrujar até a alma  
Da nova ferramenta!  
A nova alma tecnológica  
Inscrita no corpo da nova ferramenta!

E a tecnologia faz-nos transportar  
Para outra realidade.  
Faz-nos repensar na realidade.  
Faz-nos alterar as estratégias  
E os olhares que debruçamos sobre o mercado.

E agora, digo eu também, olá ao mercado e oiço o sistema a aplaudir-me silenciosamente e a ver-me como uma ferramenta. Sei que, tornei-me numa ferramenta para o mercado. Fui capturado. Mas também o mercado está capturado. E por estar capturado, o mercado captura-me. E eu, por ver o mercado capturado e por ter sido capturado

pelo mercado, também o capturo. Também eu capturo o mercado. E andamos assim a capturar-nos um ao outro.

Porque, afinal,

Não sou uma ferramenta?

Afinal não sou uma ferramenta,

Mas tenho uma ferramenta

Que me permite

Também a mim

Capturar-me o mercado?

Chama-se tecnologia?

Chamo-me tecnologia?

Nasci com uma tecnologia.

Não sou uma tecnologia,

Mas nasci com uma tecnologia?

Também tu nasceste com uma tecnologia.

Todos nascemos com uma tecnologia.

E continuo a ouvir

Com a minha tecnologia,

Os aplausos do mercado.

E com a minha tecnologia

Vejo que não fui só eu

E o mercado

Que fomos capturados.

O sistema também foi capturado.

Mas o quê?

Até o Direito foi capturado?

Até o Governo foi capturado?

Mas que tecnologia é esta

Que nos capturou a todos?

Que tecnologia é esta

Que nos deixa a todos capturados?

Mas a tecnologia,

Capturou-nos mesmo a todos?

Fomos todos capturados?

O mercado foi capturado,

O sistema foi capturado,

O Direito foi hipnotizado,

O Governo foi hipnotizado,

Mas fomos todos hipnotizados?

Também eu fui hipnotizado, a tecnologia hipnotizou o mercado, o mercado capturou o sistema, o sistema capturou o Direito e o Direito hipnotizou-me. Mas o Direito não me tirou nem a intuição nem a compreensão. E hipnotizado pelo Direito, fui hipnotizado pelo mercado! E o

meu olá, é, pois, a minha rendição! Mas também, a minha confissão! Então rendo-me e confesso-me amorosamente a todos os que se julgam e se sentem ferramentas: não somos ferramentas!

Mas instrumentalizo-me para que vocês me instrumentalizem-me, porque já vos instrumentalizei também. Estou a instrumentalizar-vos neste momento. Eu sou a vossa ferramenta e vocês são a minha ferramenta. Somos ferramentas uns dos outros. Neste maravilhoso contrato simbiótico que tacitamente celebramos. Porque é lícito – é contratualmente e legalmente lícito –, entrar no mercado de ferramentas, quando queremos ser uma ferramenta desse mercado. E é também lícito quando queremos participar no sistema e no mercado como uma ferramenta.

Participa no mercado. Mas não participe em todos os mercados. Não podemos ser e estar em todos os mercados. Não podemos pois, participar em todos os mercados, porque simplesmente não somos onnipresentes – a não ser que os mercados se tenham fundido num só –, não somos onnipotentes – a não ser que sejamos a única ferramenta do lado da oferta ou o único agente do lado da procura –, não somos omniscientes – a não ser que

tenhamos *hackeado* todas as informações privilegiadas e segredos de mercado ou combatido a atomicidade da informação.

Saber participar também é uma ferramenta.

Querer participar também é uma inteligência.

E não nos julgarmos uma ferramenta

Também pode ser uma inteligência.

Querer ser míope

E não querer curar “aquela miopia”

Com “aquele laser”,

Também pode ser uma inteligência.

Preferir permanecer ingénuo, inocente, num absoluto véu de ignorância, muitas vezes pode ser uma inteligência. Uma espécie de mecanismo de defesa tecnológico, ativado pela *Paranóide Tecnológica* cerebral. Todo esse véu de ignorância tecnologicamente instalado, de propósito, pelo cérebro pode significar uma inteligência emocional do cérebro. Porque o cérebro pode ser uma ferramenta, mas é

uma ferramenta que tem emoções. Que sente as coisas do mercado. Materializa as suas emoções. Toma corpo das suas emoções. E deixa o mercado tomar-lhe corpo. Materializa-se como uma ferramenta no mercado. Pode, por isso, também todo esse véu de ignorância significar uma inteligência corporal. Ou uma inteligência sexual. Porque a ferramenta pode querer deitar-se na cama com os lobos do mercado. Há lobos que atraem. Há lobos que capturam. Ou uma inteligência espiritual (artística). Ou uma inteligência lógica (racional). Ou uma inteligência memorial (associativa). Ou uma inteligência criativa. Ou uma inteligência *padrã* (intuitiva) – que tem um padrão, um algoritmo, uma base, que se baseia sempre em algo para ver com intuição, que tem lá um drama, um trauma, um *chip*, uma tecnologia, uma coisa alienígena, um padrão, um aferidor, uma norma, uma bitola, um modelo, um vídeo tecnológico, um filme, uma alienação, uma alheação, uma *Paranáide Tecnológica*. Ou uma inteligência comunicativa (telepática). Ou simplesmente uma inteligência empresarial.

Preferir permanecer ingénuo, inocente, num absoluto véu de ignorância, pode parecer fruto de uma inteligência social, porquanto se conheça a sociedade e se saiba movimentar nela...

Preferir permanecer ingénuo, inocente, num absoluto véu de ignorância, pode parecer fruto de uma inteligência empresarial, porquanto se conheça o mercado e se saiba movimentar nele...

Mas todo este véu de ignorância poderá ser fruto de uma inteligência mental?

Enfim... Só se for para mascarar esta *Paranóide Tecnológica*.

Todo este véu

Poderá ser fruto

De uma inteligência corporal?

Só porque materializei

O mercado em mim?

Só porque materializei

As coisas do mercado em mim?

Só porque lhe dei corpo?



Enfim... Só se for para chamar a Medicina à colação e saber que não devo contratar com as empresas dos cigarros, dos açúcares e do aspartame, porque matam-me os pulmões, danificam-me os dentes e destroem-me o cérebro...

Mas era mesmo preciso ter trazido a Medicina para a discussão dos mercados?

Francamente, basta usar um pouco dessa inteligência intuitiva (ou *padrã*) e um pouco desta inteligência comunicativa (ou telepática) para se sintonizar-se com a boa classe científica. Essa verdadeira classe, essa classe das classes, essa classe de ferramentas que por ter maturidade e inteligência sexual não fingem orgasmos que dão cabo de todos os algoritmos, porquanto tenham uma fortíssima inteligência memorial que não lhes deixam esquecer da perversidade da intriga histórica das patentes, dos financiamentos, das farmácias, dos medicamentos, das investigações e das tecnologias. E, há aqui também uma *Paranóide Tecnológica*, é claro!

Mas uma inteligência criativa?

Como é que a ferramenta

Cria no silêncio dos algoritmos?

Inteligência artística (espiritual)

Porque inventa o mercado não inventado?

E inteligência emocional? Só porque a ferramenta tem emoções? Só porque tem uma alma lá dentro que sente a prisão da tecnologia? E gosta da tecnologia? Só se for para levantar aquele véu onde ama e adora o sistema que o oprime e o maltrata, tão-só, porque, a ferramenta sintá-se uma ferramenta e sofre daquela “incurável” síndrome de Estocolmo.

Espera lá!

A ferramenta usou mesmo a expressão “incurável” antes de síndrome de Estocolmo?

Então, é porque tem uma inteligência lógica (racional) muito acima da média, e por isso, mais vale deixá-lo e mantê-lo como ferramenta...

Espera lá!

Ele não disse também que o oprime e o maltrata? Isso já não fazia mesmo parte do programa tecnológico dele!

Isso já não fazia, de maneira nenhuma, parte do programa tecnológico da ferramenta...

Mas talvez, não sejam só 12 as inteligências da ferramenta.

Talvez a ferramenta esteja tão-só a generalizar e afinal diz-se oprimida, quando nunca tenha sido oprimida, enquanto ferramenta, e tenha tão-só querido inventar a opressão.

Talvez a ferramenta, afinal, diga-se maltratada, quando nunca se tenha sentido maltratada, enquanto ferramenta, e tenha tão-só querido inventar o mau tratamento e, por isso, tenha tão-só mesmo estas 12 inteligências.

A ferramenta é míope. E nem todos os míopes do mercado são inteligentes. Nem todos os que veem o mercado com realidade aumentada são inteligentes. Querer ver o mercado com a realidade virtual é coisa de míopes. Um clínico de mercado, um doutor do mercado, um advogado do mercado pode ser míope e, ainda assim, ser uma ferramenta e ser inteligente; ser uma ferramenta inteligente. Porque já é lícito julgar-se ser uma ferramenta.

Já é lícito julgar-se ser uma mercadoria.

Somos um valor mobiliário

Que circula no mercado.

Temos um valor.

O mercado já nos atribuiu um valor.

E o Direito já regulou esse mercado.

Deu-lhe legitimidade ao regular.

Atribuiu-lhe licitude ao regular.

Deu-lhe uma certa legalidade.

Achou o mercado legal.

Legalizou-o.

Somos um dado de informação

Que circula no mercado.

Somos um conjunto de dados de informação

Que circula no mercado.

Somos uma ferramenta

Que circula no mercado.

Somos tudo isso

E somos, por isso,

Uma mercadoria que circula no mercado.

Mas afinal,

Somos ou não uma ferramenta?

Somos ou sentimo-nos uma ferramenta?

Se calhar,

Só nos sentimos

E não somos ferramenta nenhuma!

Afinal,

O que é que o Direito diz deste sentimento?

O Direito,

Já pouco ou nada sobre isto pode dizer.

Porque nasceu o direito da ferramenta:

O direito de se ser uma ferramenta

E querer ser uma ferramenta.

E a Psicologia?

O que diz a Psicologia disto tudo?

A Psicologia,

Já pouco ou nada sobre isto pode dizer.

Porque a ferramenta já ganhou pernas, braços

E já se tornou independente.

A ferramenta,

Agora é ferramenta dela própria.

É que agora,

Já se pode ser a sua própria ferramenta.

Uma ferramenta independente,

Mas regulada e monitorizada?

Não falem de monitorização à ferramenta, que vai logo despontar-lhe uma *Paranóide Tecnológica!*

A ferramenta, numa constante *Paranóide Tecnológica*, vai logo pegar em todas as pontas para ligar e ver ligado o circuito tecnológico. É a tecnologia de uma ferramenta tecnológica.

E, enquanto a carocha vai cantando com a sua tecnologia à janela virtual para quem quiser casar com ela através de um holograma, a ferramenta vai implorando ao mercado das oficinas para que algum mecânico queira pegar nela.

Se se transferisse a alma humana que há na ferramenta para um robot na montra de uma loja, a ferramenta num novo grito tecnológico, ainda mais metalizado, ainda mais robótico imploraria para que fosse comprada por um humano com robofilia.

E foi assim, que a ferramenta se sentiu comprada por um humano.

E é assim, que a ferramenta se sente nas mãos de um humano.

E é assim, que a ferramenta se vê a sobreviver num mercado de psicólogos que começam a olhar para a



ferramenta e para a robofilia como uma naturalidade da metalização tecnológica das ferramentas. Porque o que alimenta o sangue desses psicólogos é o ferro. E eles sentem o ferro. Gostam de sentir o ferro. E se gostam de sentir o ferro penetrado neles, é claro que vão defender a robofilia como uma nova orientação sexual. E isto não poderia ser tão-só uma *Paranóide Tecnológica*? Não poderia tão-só ser uma intriga tecnológica?

E lá está a ferramenta

Sempre a inventar intrigas.

A trazer mais intrigas

Para dentro do sistema.

A ser útil ao sistema.

E a ser útil ou inútil aos mercados?

E a ser útil ou inútil à economia?

Mas tem tudo que ser economia?

Até as intrigas tecnológicas

E as *Paranóides Tecnológicas*

Têm que ser economia?

Pois,

Tudo é economia.

E se tudo for economia,

Tudo vale,

E esta intriga

Valerá na economia

Como uma *Paranóide Tecnológica*.

E se a ferramenta, ainda implorando ao mercado das oficinas para que algum mecânico pegasse nela, visse que os mecânicos gostam é de hologramas e projetasse um alicate e sentisse a mão de um mecânico a pegar-lhe, desejaria a ferramenta abrir-se tanto como um alicate e ser penetrada por aquele perverso mecânico que levanta o maior véu *parafiliaco* de todos?

A ferramenta que nem sequer existe, que tão-só existe em fantasma na perversa imaginação, desejaria este fantástico espetro que de “fantástico” nada tem?

Mas o fantástico é aquilo que não existe.

E isto é fantástico, exatamente por não existir.

Exatamente por não existirmos como ferramentas.

É que nem a ferramenta fantasma participaria nessa espetrofilia, porque simplesmente não existe. Não existe como ferramenta! Porque não existimos como ferramentas!

Mas por não nos existirmos como ferramentas, nem sequer podemos deixar de ser ferramentas. Para, pelo

menos, sentirmos o sabor da ferrugem. O sabor de ferrugem na boca para o deleite metálico de todos os nossos extraordinários e complexos sentidos. Porque o ferro tem um sabor. Há um sabor no ferro. Há um sabor na ferrugem. A ferrugem tem um sabor. Por isso, sejamos a ferramenta! Sejamos, pelo menos, para nós próprios, a nossa ferramenta!

Sejamos a nossa ferramenta! Sejamos o nosso médico! Sejamos o nosso mecânico! Sejamos o nosso canalizador! Sejamos o nosso carpinteiro! Sejamos o nosso jardineiro! Sejamos o nosso cabeleireiro! Sejamos o nosso arquiteto! Sejamos o nosso designer! Sejamos o nosso cozinheiro! Sejamos o nosso astrólogo! Sejamos o nosso médium! Sejamos o nosso pedreiro! Sejamos o nosso psicólogo! Sejamos o nosso cientista! Sejamos o nosso empresário! Se formos uma ferramenta, podemos ser isso tudo ao mesmo tempo! Podemos usarmo-nos como quisermos! Podemos ser as mil e uma ferramentas que quisermos!

Porquanto o nosso cérebro seja a nossa empresa, sejamos empresários do nosso cérebro! Instrumentalizemo-nos! Porquanto sejamos uma ferramenta. Para o mercado já nascemos uma ferramenta.

\*\*

## O ASSALTO DA MENTE

Às vezes a mente põem-se a espatifar memórias.

A dar cabo de memórias.

A mente também terá alguma inteligência?

Ou é simplesmente um filme

Que corre no cérebro sem realizador?

Será o cérebro o realizador da mente?

Mas nós conseguimos tomar a mente?

O cérebro conseguimos tomar.

Conseguimos vasculhar, ir às memórias, apagá-las...

Mas e a mente?

Será que usamos a mente para entrar no cérebro?

Será que vemos o cérebro com a mente?

Conseguimos tomar de assalto o cérebro.

Mas e a mente?

O cérebro sabe que nele habita uma mente?

O cérebro sabe que nele habita uma mente,

Tão dinâmica quanto ele?

O cérebro sabe que nele habita uma mente,

Tão produtora quanto ele?

São os dois produtores?

Um produz em bruto,

Expressa-se brutaemente.

E o outro lapida a bruta expressão?

O cérebro vai lapidar a expressão da mente,

Que ainda é bruta?

Que ainda tem uma certa rudeza?

Uma certa nudeza?

Que ainda é uma expressão bruta...?

A mente é o diamante em bruto,  
O cérebro é o diamante trabalhado?  
Porque são dois diamantes!  
Têm que ser os dois diamantes!  
Os dois são diamantes!  
Mas um é mais bruto que outro!  
A mente é mais bruta?

Então o cérebro explora a mente que há em si?  
O cérebro vive na economia.  
Vive na realidade humana.  
E a mente não?  
A mente vive à parte disso?  
  
A mente vive na fantasia.  
Vive na realidade do espírito humano.

O cérebro sabe  
O que pode sair da mente para a economia.  
O cérebro sabe  
O que pode sair da mente  
Para as realidades humanas.  
E por isso, filtro.  
Filtro tudo economicamente.  
Mas filtro tudo em milésimos de segundos.

A verdadeira inteligência está no cérebro.  
O petróleo está na mente.



\*\*

## SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA

É muito importante, mas mesmo muito importante, sabes que estás numa sociedade de informação tecnológica.

É muito importante, mas mesmo muito importante, sabes que a tua sociedade, é uma sociedade de informação tecnológica.

É muito importante, mas mesmo muito importante, sabes que pelo facto da tua sociedade ser uma sociedade de informação tecnológica, que ela pode ligar toda a informação sobre ti em milésimos de segundo *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

Aquilo que disseste uma vez num café a um amigo pode chegar outra vez a outro café com outro teu amigo. Aquilo que disseste a uma tia pode chegar ao teu pai. Sem tu te aperceberes, os teus amigos podem estar ligados. A tua tia está agora cada vez mais ligada ao teu pai. Eles já contam

tudo pelo WhatsApp. Como no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak podem ilicitamente gravar o que dizes e agora criminosamente passam as gravações como uma informação. A informação passa-se através de canais tecnológicos, de aplicações tecnológicas, de janelas tecnológicas. É assim que a sociedade de informação tecnológica comunica. Aquilo que disseste uma vez numa sala de aula ou numa outra praia, pode chegar à praia onde estás sem quaisquer tecnologias. Tu podes estar completamente fora das tecnologias, mas tens que saber olhar à tua volta. Se olhares, verás que na praia onde estás, toda a sociedade está agarrada à tecnologia. Mesmo na praia, a sociedade está agarrada à tecnologia. Não é uma sociedade mais evoluída. Estar agarrado à tecnologia é perder a vida. Mas toda a sociedade pode estar a viver a tua vida. Não percas a tua vida. Continua sempre a vivê-la. Podes vivê-la em silêncio. O silêncio frustra a tua sociedade de informação tecnológica. Podes frustrar-lhe. É te lícito frustrares as expectativas da tua sociedade. Não deves nada à tua sociedade! A tua sociedade não pode controlar a tua mente, nem ter mão no corpo. Mente à tua sociedade! Dá a volta à tua sociedade. Se contaste um segredo a um amigo, porque outro teu amigo tem que saber do teu segredo se não lhe contaste a ele? Mente! Mente! Mente! A mentira pode ser o teu segredo. O Direito permite o Direito à Mentira. A mentira e o jogo que fazes na vida frustra toda a tua sociedade. A tua sociedade está a jogar contigo, por isso joga tu também com ela. Veres o jogo da tua sociedade pode te

dar uma vantagem e ganhar o jogo. Não há um jogo em tudo. Mas quando vês tecnologia, podes ver um jogo, um gozo. Não é normal um amigo teu estar a falar contigo com o telefone na mão. O *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak já foi imprimido. Por isso, é te legítimo ficares com uma *Paranóide Tecnológica* e pedires ao teu amigo que desligue a Internet e ponha de parte o telefone quando está contigo. Porque o teu espírito tecnológico fica com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Podes jogar este jogo. E esse teu jogo certamente frustrará esse teu amigo se ele estiver conectado a uma sociedade de informação tecnológica que te quer ver e ouvir. Não deixes. Frustra-a. Sê mais inteligente que ela. A tua sociedade de informação tecnológica é toda muito frustrada. Está completamente frustrada. Os seus próprios algoritmos são uma frustração. Ela própria não se compreende. Não se consegue compreender. Com tanta informação, ela não se consegue compreender. E isso é uma frustração! Anda sempre frustrada a sociedade de informação tecnológica. E se não anda frustrada, anda esfomeada. A sociedade de informação tecnológica, são como algoritmos, alimenta-se de informação. Tu podes ser o alimento da tua sociedade de informação. E se fores, verás toda a sociedade a montar-se à tua volta para se alimentar da tua informação. Encara tudo isto com naturalidade. Não é como normalidade. Encara com naturalidade. Encara tudo isto como fruto da evolução tecnológica. Não é como fruto da evolução da sociedade. Porque a sociedade não está mais evoluída.

Se suspeitares que a tua sociedade de informação tecnológica te teletransportou como um alvo para o *Target – A Pegada Digital*, não te esqueças que o Ralf Kleba-Kodak já acordou o Direito Penal. É importante, mas mesmo muito importante, saberes sobre os teus direitos, liberdades e garantias numa sociedade de informação tecnológica, que pretenciosa, quer ser uma sociedade de informação vigilante. É importante, mas mesmo muito importante, saberes que nenhuma sociedade te pode vigiar, monitorizar ou perseguir. Mas também é importante, mas mesmo muito importante, saberes que mesmo que uma sociedade de informação tecnológica te vigie, monitorize ou persiga, tu saibas responder em silêncio chamando o Direito Penal. Mas diverte-te quando chamares o Direito Penal. Andares de mãos dadas com o Direito Penal e saberes que o Direito Penal te protege numa sociedade de informação tecnológica pode ser importante, mas mesmo muito importante.

Não te convenças se te disserem que tudo à tua volta sabe quem és, que estás num filme, numa cena qualquer, que são tudo contratados, ou que são robots, ou que não existem. Mesmo que olhes e aparentemente vejas 100 pessoas a olharem para ti a rirem-se, encara todos esses risos com a maior naturalidade. Ri-te também. Ou sai de cena. Também tens direito a rir. Também tens direito a sair da

cena. Se tiveres 100 pessoas a rirem-se para ti, isso não pode ser assustador! Tem que ser divertido! É porque te montaram uma diversão! É um crime? É! É claro que é um crime! Mas enquanto o Direito Penal não chega, podes te ir rindo. Não te esqueças que é fácil ligar 100 telefones, chamar 100 telefones, enviar mensagens para 100 telefones para estarem a uma hora no sítio onde se sabe que vais estar. Estás numa sociedade de informação tecnológica que muito facilmente tem acesso ao teu GPS. Lembra-te dos grupos de *flash mob*. Que são rotineiramente organizados por redes sociais, mensagens virais para reunir pessoas repentina e instantaneamente seja na praia, seja na cidade, seja onde estiveres, para dançarem, cantarem, brincarem, expressarem, representarem por um tempo minuciosamente cronometrado e a seguir simplesmente dispersarem como se nada tivesse passado. Um grupo de *flash mob* dançar num sítio combinado a uma determinada hora combinada num espaço público, sem saber que está a dançar para ti, não tem mal nenhum. Simplesmente está-se a expressar. Mas a tua sociedade de informação tecnológica pode estar ligada ao *flash mob* e dizer que aquela dança é para ti. Quando não é para ti. É para todos. Não te assustes com a dança. Dança-a. Sem dançares, dança. Tens que saber dançar, sem dançar, na tua sociedade de informação tecnológica. Não te esqueças que ela só te quer gravar a dança. Só te quer ver como te assustas e o que te assusta. Nem sequer quer ver-te a dançar. Só te quer gravar. Só quer ficar informada de como é a tua dança. De como são os teus algoritmos. Esses teus

algoritmos que te permitem ver a coreografia da dança. Dança.

Não te convenças se te disserem que há zombies à tua volta. Não te esqueças que os zombies da tua sociedade de informação tecnológica são de carne e osso e só são zombies, porque andam com o telefone à frente dos olhos, como se estivessem drogados. São esses os zombies da tua vida real. Também tens os zombies que acabaram de fumar um charro e aparecem à tua frente completamente endrominados com os olhos encarnados. São esses os zombies da tua vida real. Os zombies da tua vida real são instrumentalizados pela droga e pela tecnologia. Se a tua sociedade te falar de zombies e de repente aparecerem-te zombies à frente, não te esqueças que o *zombie walk* é um *flab mob*, em que pessoas se vestem de zombies num espetáculo de arte surrealista. É importante, mas mesmo muito importante, saberes que o *zombie walk* está a crescer cada vez mais, atraindo sempre mais pessoas. É importante, mas mesmo muito importante, saberes que tecnologias estão a atrair as pessoas. Se vires qual é a tecnologia que está ligada, verás a realidade sem medos. Não te podes assustar se vires copos a voar. Os copos já podem “voar”. Numa Internet das Coisas, os copos já podem voar. É importante saberes isto. É importante saberes que os copos não voam. Numa assustadora sociedade de informação tecnológica, cada vez mais tecnológica, é importante saberes isto. Que se os copos em tua casa estão a voar, é porque alguém chipou os teus

copos. É porque os teus copos estão ligados ao telefone de alguém. E à distância, esse alguém, que é uma pessoa de carne e osso, através do telefone, “mandou” os teus copos voarem. A tecnologia explica tudo. O problema da tecnologia, é que te devolve a uma realidade de coisas que te faz desacreditar da tua própria espiritualidade. Tudo o que vires, que não percebes ou não compreendes, porque simplesmente não tens informação, é tecnológico. Tecnicamente poderás explicar. Talvez assim, não tenhas mais medo de estar num mundo de espíritos. Somos espírito. És um espírito! Como é que podes ter medo dos espíritos? Assusta tu os espíritos que te querem assustar! Não tenhas medo dos espíritos nem dos zombies! Lúcidos somos espíritos, drogados somos zombies. Lúcidos somos vivos, drogados somos mortos-vivos. Lúcidos somos livres, escravos somos zombies. A tua sociedade de informação tecnológica é uma escrava da tecnologia, é uma escrava dos algoritmos, é uma escrava do programa programado pelos programadores. E zombie como ela é, vê como deuses os programadores. Mas tu vês os *Dons* como deuses. Sabes que os *Dons* existem. Sabes que se foste chipado, foste chipado pelos *Dons*. Agora vês que há *Dons* em ti. Que há *Dons* sobre ti. Que há *Dons* que te protegem. Que há *Dons* que te deixam ver a realidade. E por os *Dons* te deixarem ver a realidade tecnológica, é que consegues numa *Paranóide Tecnológica* ver a sociedade de informação tecnológica. Consegues ver tão bem a sociedade de informação tecnológica, porque a sociedade de informação não te assusta. Tal como não te

assustam os zombies. Não deixes que te chipem. O chip feito por um humano inserido no teu corpo interferirá sempre com o chip que te foi inserido pelos *Dons*. Não deixes que a sociedade de informação tecnológica se conecte ao teu coração. Não é a nenhum chip feito por humanos que controlam uma sociedade de informação tecnológica que o teu coração tem que estar conectado. Não deixes que a sociedade de informação tecnológica governe o teu cérebro. Não é a nenhum chip feito por humanos que detém uma sociedade de informação tecnológica a que o teu cérebro tem que estar conectado. O teu telefone pode ser um verdadeiro chip. E a sociedade de informação tecnológica pode estar conectada ao teu telefone.

Uma praia inteira pode estar conectada a ti. Podes ter uma praia inteira a olhar para ti. Podes ter uma praia inteira que te vê através do telefone. Que segue o teu *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. Mas é importante, mas mesmo muito importante, não te esqueceres que estás num Universo de Coisas e que tu e todas as pessoas dessa praia onde estás, são insignificantes no tamanho do Universo. Há muitas outras praias. Sai dessa praia. Se não conseguires sair com o corpo, porque a sociedade de informação tecnológica prendeu-te o corpo com a sua tecnologia, não te esqueças que tens uma mente e um cérebro e que com eles podes ver de cima a praia onde estás; podes ver tudo de cima. E nessa subida, lembra-te que há mais praias. Há mais sistemas. Há muito mais para ver e para viver. **FIM**



## Crítica

*«O sobreinvestimento nas mentes produtivas, aceleradas, competitivas e ilimitadas custa, por vezes, o desacelerar do estar e do ser como o conhecemos. A Paranóide Tecnológica alerta para a necessidade de desapego da mente tecnológica que, perigosamente, nos leva a processos mentais ruminativos e indiferenciados causadores do coma emocional.»*

**Doutora Sara Bernardo da Fonseca Teixeira**

**Psicóloga Clínica**

*«Através do cérebro luxuoso do autor, conseguimos ver a Medicina e a Psicologia que está por detrás da Paranóide Tecnológica. Numa engenharia de palavras, o cérebro de Federico Ferrari consegue fazer percorrer a nossa própria mente numa viagem puramente fantástica.»*

**Doutor Dmytro Krupka**

**Médico formado pela Nova Medical School da Universidade Nova de Lisboa**

*"Paranóide Tecnológica é um livro provocador. Obriga constantemente o leitor a questionar-se sobre a sua relação com a tecnologia. Mas, sobretudo, a observar e tentar compreender o seu próprio corpo enquanto tecnologia orgânica e complexa. No entanto, não é um texto denso. O tom intimista com que o autor relaciona cérebro, mente e espiritualidade, bem como a análise de relacionamentos humanos de forma bastante pessoal, conferem-lhe leveza e interesse literário."*

**Doutora Sofia Reis Heleno**

**Médica formada pela Nova Medical School da Universidade Nova de Lisboa**

*«Federico Ferrari leva-nos por um passeio reflexivo ao longo do percurso tecnológico que consome o nosso círculo social e pessoal, como uma viagem turística onde se aponta com um dedo cético, tudo aquilo que nos é apresentado. Dentro deste programa recheado de conflito pessoal e uma revolta deslumbrada pela complexidade, podem apreciar-se atrações como: "Como, Se, De repente, Quem te pôs na economia, se tivesse desinteressado por ti" ou "E é a mente, o filme?, A contextura química que é o filme?, Quem é que está, Afinal a produzir fita?».*

**Doutor Alexandre Mendes**

**Médico formado pela Nova Medical School da Universidade Nova de Lisboa**

«Sobre o poema "Não sabem o que estás a pensar":

*Aqui está um dentro de muitos outros poemas desta "Paranoide Tecnológica", que nos transporta, tão subtilmente, quase sem darmos por isso, para este mundo [tecnológico, dos dados, das informações]. Um mundo que nos passa ao lado no nosso dia-a-dia, mas no qual estamos tão inseridos, que nem estranhamos, nem perguntamos, nem criticamos. Temos neste livro um excelente aviso, um alerta, um abre-olhos, que todos devíamos ler. Em especial, a comunidade científica, tão importante para todos os colegas médicos e restantes profissionais de saúde, porque todos os dias, a toda a hora, lidamos com dados, informações, tecnologia, que temos à frente como pessoas, o que torna tão fácil esquecer isto. E por isso, é muito este tipo de leitura, que sabe tão melhor sob a forma de poesia, que nos deve acompanhar no nosso caminho.»*

**Doutora Maria Mendes**

**Médica formada pela Nova Medical School da Universidade Nova de Lisboa**

«Frederico Ferrari inicia a sua deambulação mental em “Conhecer o cérebro” dizendo que ter “muitos pensamentos ao mesmo tempo” não é indicativo de dano ou alteração patológica do cérebro e/ou mente. Talvez não o seja. Apenas talvez. Dependerá do seu conteúdo, organização e ao chamado “descarrilamento de ideias”. Ter “muitos pensamentos ao mesmo tempo” pode ser uma falsa sensação do processo neuronal e sináptico veloz. Na verdade, as ideias seguem-se sucessivamente e de forma lógica uma atrás da outra, dando uma sensação de pensar “em tudo ao mesmo tempo”. A bem dizer, e

*infelizmente, o nosso cérebro tão adorado pelo autor, tem uma capacidade de atenção bastante limitada, não podendo processar várias informações simultaneamente de forma consciente. Porém, se tal encadeamento sucessivo de pensamentos não ocorrer, a sanidade dessas mesmas conexões elétricas idolatradas pelo autor tem que ser posta em causa. Ficará incerto se essa normalização será a eterna dúvida em relação a si mesmo por parte do autor ou a ânsia de libertar mentes presas em algoritmos tecnológicos.*

*Ora, para continuar a sua Paranóide Tecnológica, também aqui o autor compara o Ser Humano ao polvo. Aproxima-se e afasta-se dele à medida que percorre o seu caminho. Por um lado, quer “agarrar” tudo como um polvo, ter todas as possibilidades nas suas mãos, ou tentáculos neste caso. Não deixa desperdiçar nenhuma oportunidade ou que outros lha tirem. Refere-se às suas ideias como tinta que pode ser impressa e que nunca se gasta, tal e qual como se de um polvo se tratasse, usando-a para deixar a sua marca. Por outro, não prescinde da defesa da partilha enquanto ser social e integrante de um mundo emocional rico, afastando-se do seu alter-ego octópode, solitário por natureza. Fica por esclarecer se é uma tentativa de ensinar ao polvo as verdadeiras propriedades de uma tinta, enquanto capacidade em alterar tudo e todos em quem se toca, ou de ensinar aos cérebros errantes a verdadeira essência da tinta infinitamente finita que têm.»*

**Doutora Danna Krupka**

**Médica formada pela Nova Medical School  
da Universidade Nova de Lisboa**

**Com os melhores agradecimentos**

**à Konica Minolta**

**&**

**à Jupiter Editions**